



Blumenau

em

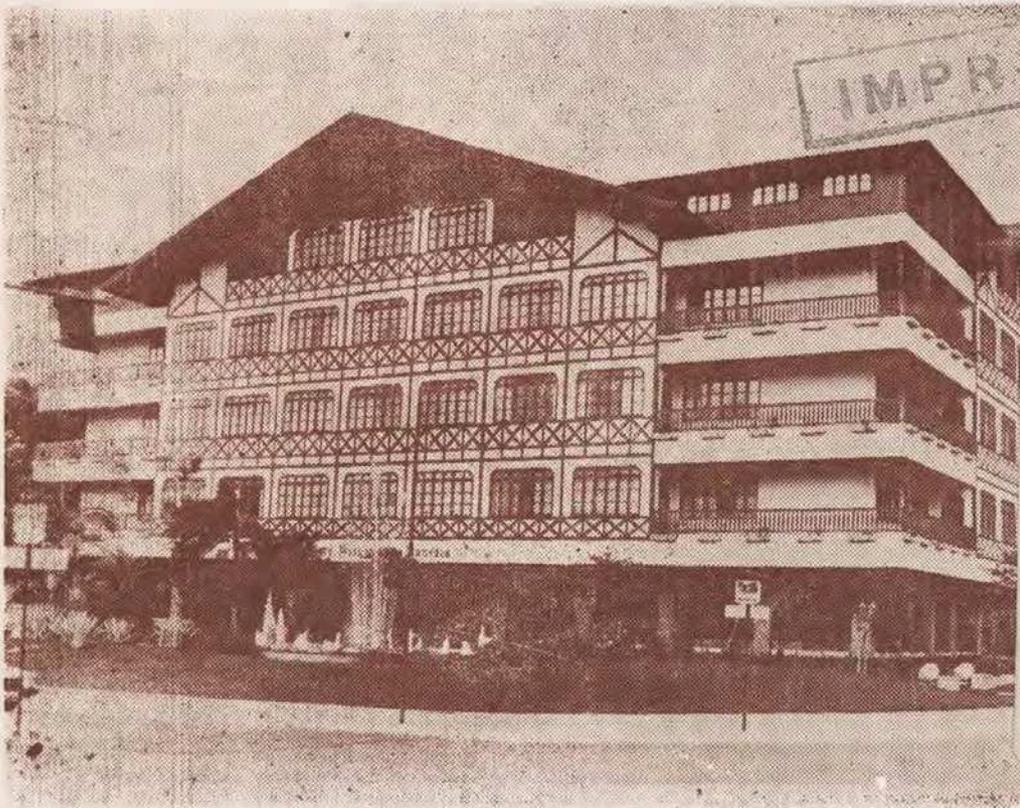
Cadernos

TOMO XXXIV

Nov/Dez de 1993

Nº. 11-12

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87



IMPRESSO

825 - LILI HERING
RUA HERMANN HERING, 93
BLUMENAU - SC
89010-600

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Livraria Blumenauense S/A.

Schrader S/A. Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeiraira Odebrecht Ltda.

Móveis Rossmark

Arthur Fouquet

Paul Fritz Kuehnrich

Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.

Cristal Blumenau S/A.

Moellmann Comercial S/A.

Sul Fabril S/A.

Herwig Shimizu Arquitetos e Associados

Auto Mecânica Alfredo Breilkopf S.A.

Maju Indústria Textil Ltda.

HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

Casa Meyer.

Casa Buerger Ltda.

UNIMED - Blumenau

Casa Flamingo Ltda.

Gráfica 43 S/A Ind. e Com.

Família Atilio Zonta

Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXIV

Nov/Dez de 1993

Nº. 11/12

SUMÁRIO

Página

Indaiá de Indaiá que importância tem? — Theobaldo Costa Jamundá	342
O passado em prosa e verso	344
Curiosidades de uma época — XXVIII — S. C. Wahle	346
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	350
Questões econômicas no começo do século — Tradução Edith Sophia Eimer	352
Figura do presente	356
A nossa mensagem — José Gonçalves ..	360
Subsídios Históricos — Rosa Herkenhoff ..	361
Os imigrantes alemães e sua produção literária — Valburga Huber	362
Registros de Tombo de Porto Belo (I) — Pe. Antônio Francisco Bohn	367
Aconteceu... ..	368
Genealogia da Família Schmidt ou Schmitt — Pedro Ernesto da Silva	371
A antiga empresa gráfica Nietzsche & Hoempke — José Gonçalves ..	376
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio ..	378
O significado do nome das cidades catarinenses oriundo da língua Tupi-Guarani Carlos Ubiratan Jatáhy	380
Os ervateiros de Joinville — Antônio Roberto Nascimento	381

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) CR\$ 1.850,00

Número avulso CR\$ 130,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) CR\$ 2.750,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-17-11

89015-010 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

Foto: Prédio atual da Prefeitura, construído no governo Renato Vianna (1978/82), que após 11 anos retorna ao poder municipal, usufruindo da obra que construiu, reconduzido pela força do voto dos eleitores blumenauenses.

Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenuu Ltda.

Indaial de Indaiá que importância tem?

THEOBALDO COSTA JAMUNDA

Os topônimos da letra í, existentes na geografia física do território catarinense levantam curiosidades: com base no Dicionário Histórico e Geográfico do Estado de Santa Catarina, organizado pelo lembrado José Arthur Boiteux (1865-1934) e editado por Azevedos Irmãos, Rio de Janeiro (RJ) 1916, estão relacionados cento e oitenta e sete (187) Anota-se como querendo resposta que existiam nove lugares chamados "Inferninho" e "Inferno". — Quem procurar a significação desses nomes pelos dicionários do presente ou comô diz Candido de Figueiredo, no seu dicionário chamado de pequeno e aparecido em Lisboa (Portugal) de 1924, Inferno é "LUGAR QUE, SEGUNDO O CRISTIANISMO, É DESTINADO AO SUPPLICIO DAS ALMAS DOS CONDENADOS". — E quem queira achar que um lugar chamado em 1916 "Inferninho" era um inferno menor, não consulte o "Aurélio" em uso hoje. — A palavra INFERNO também significava: "SORVEDOIRO, ONDE CAI A ÁGUA, DEPOIS DE MOVER A RODA DO MOINHO OU O MONJOLO".

Dos nove que existiam informo sobre três: "Inferninho" povoado no município de Biguaçu (SC); "Inferno" ilha no fundo da baía Babitonga (São Francisco do Sul (SC); "Inferno" afluente do rio Canoas com nascente na serra Azul. (J.A. Boiteux não diz em que área municipal. E como aqui passamos ao vôo do pássaro, por que, na verdade no interesse está o topônimo INDAIAL, é para este todo o interesse deste texto. Entretanto se entenda que aqui não existe a pretensão de oferecer sobre a matéria a última palavra. E ainda informar que os 187 topônimos do dicionário mencionado existiam em 1916: hoje fichados na letra i, existem outros como, por exemplo, os constantes no Censo Demográfico Dados Dis-

tritais (1980) e deles apresento apenas alguns: (1) da Microrregião Colonial do Alto Itajaí, "IMBUIA"; (2) da Microrregião Colonial do rio do Peixe, "IPIRA", "IPUMIRIM", "IRANI", "ITÁ". — Quando J.A. Boiteux publicou o dicionário, o vazio demográfico caracterizava a imensa paisagem, imigrantes e migrantes na ação colonizadora substantivaram as mudanças para o desenvolvimento.

Já em 1916 J.A. Boiteux reservou para INDAIAL verbete de vinte linhas e afirmou que era "FLORESCENTE POVOADO NO MUNICÍPIO DE BLUMENAU". E ele mesmo, no dicionário, relaciona que na época, existiam no território catarinense: "INDAIÁ" LUGAR NO MUNICÍPIO DA LAGUNA (SC); "INDAIAL ARROIO AFLUENTE DO RIO VARZEA DO CEDRO"; INDAIAL LINHA COLONIAL DE NOVA TRENTO (SC); INDAIAL RIBEIRÃO AFLUENTE DO RIO CAPIVARI"; (Veja que os mencionados situavam-se fora da área territorial da bacia do Itajaí) — Não perco a oportunidade para informar que o topônimo variedade de "INDAIÁ" já conhecido na toponímia brasileira, apareceu para localizar núcleo colonizador, quando a administração da Colônia de Blumenau, sob a personalidade forte de dr. Blumenau, começou a subir o rio Itajaí-açu na direção da margem direita do Ribeirão Neisse onde findava a concessão das terras da Colônia.

Atente-se que o topônimo não apareceu com caráter religioso, social, nostálgico ou ecológico:

INDAIÁ (do tupi INI' YÁ "Fruto de fios" S. m. L. Bras. Designação de várias palmeiras muito elegantes do gênero ATTALEA, que vivem em sociedades compactas, e cujos frutos são nozes grandes como limão dos maiores, embora algumas se mostrem anões. — Informam bo-

tânicos conceituados que a maioria das ditas palmeiras vegetam no Brasil central. No dicionário de Aurélio (Editora Nova Fronteira/1980) no verbete ANAJÁ entre o que diz está: COCO-DE-INDAIA, INAIA, INAJÁ, INDAIA. (E por segundo manda ver o verbete doutra palmeira brasileira conhecido como "CATULÉ").

INDAIA é nome de várias palmeiras americanas. — O que se entende ultrapassa a abrangência brasileira. E isto de palmeiras na mata encontrada virgem pelo imigrado localizado na Bacia do rio Itajaí, de certo contribuiu no aplauso ao nome, quando foi selecionado para identificar o loteamento que já em 1892 (sendo Distrito de paz) foi promovido à categoria de município e durou menos de dois anos, por que extinto a 29 de maio de 1894. E a categoria perdida só veio recuperá-la conclusivamente, quando o entrevero político de 1934 envolveu o panorama político estadual. Mas em nenhum momento o topônimo foi "INDAIA" — Mesmo que escrito "JNDIAL" por muitos dos seus habitantes e até pela grande e dinamizada Cooperativa do Rio dos Cedros, (onde Pillizzetti, Fiamoncini, Largura e outros liderados do dr. Giovanni Rossi quase foram anarquistas) ali nas proximidades da estação de estrada de ferro até 1941, exibia o letrero: filial de JNDIAL.

Não existe dúvidas que variedades de palmeiras existentes, na área da Colônia de Blumenau, influiu na escolha do topônimo INDAIA que ao ser escrito perdeu o YA encontrado na característica da língua tupi e adquiriu o IAL. — É claro que fácil ou até possível não é saber quem por primeiro fez isso. Do que não existe dúvida é que no brasileiramente conhecido por esses brasís mais antigos que o povoamento idealizado pelo dr. Blumenau, o topônimo básico combinado com vários aspectos locais é INDAIA. E nisto não vai que exista erro maior ou menor impropriedade no INDAIAL enraizado lá no desenvolvimento da Colônia de Blumenau. — Este Indaial também já foi grafado

INDAYAL. (J.A. Boiteux em 1916 ortografou-o assim).

Os dicionários de Luiz Caldas Tibiriçá, Antonio Geraldo da Cunha, Silveira Bueno, respectivamente, "Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi", "Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi" "Vocabulário Tupi-Guarani Português (3ª. ed.) didaticamente informam INDAIA com explicações diferentes. — Na verdade não provocam dificuldades: apenas colocam versões, sendo o segundo mais erudito. O primeiro diz: "INDAIAI — cidade de SC; de indaiã-y, rio das palmeiras indaiãs", o segundo escreve: "INDAIA s. m. Var.: indaiã, indaiã, indaia. Nome comum às palmeiras da subfamília das cocosóideas. Sem dúvida ele é quem tem o verbete mais desenvolvido e relaciona escritores maiores envolvendo a palmeira em trechos românticos. E também remete o interessado para conhecer o "cap. ANAJÁ forma paralela de INA'AI". O terceiro menciona que "INDAIA" é nome de povoação e curso d'água no estado de Minas Gerais.

E quantos aspectos locais que substantivaram o topônimo, aqui vão alguns para comprovar o afirmado. Na porção aqui resumidas para uns poucos é interessante: "DORES-DO-INDAIA (MG) — o município vem com gente proprietária de sesmarias em 1785. A dominância exercida pela fé em N. S. das Dores e N. S. do Indaiã pressionando a consciência político-administrativa consolidou o topônimo definitivo: "Dores de Indaiã". — Ali também apareceu o topônimo: "Quartel Geral do Espírito Santo do Indaiã.

E no mesmo território mineiro se tem "Estrela do Indaiã" (distrito de 1911) e "Pedra do Indaiã" (este topônimo tem origem na Capela do Senhor Bom Jesus da Pedra do Indaiã no recuado ano de 1771).

Ainda em Minas Gerais se tem "INDAIABIRA" (Indaiã + Bira); tem "INDAIA-DO-SUL" e "INDAIA-GRANDE" no Mato Grosso do Sul; no Rio de Janeiro (RJ) em Petrópolis existe um lugar "INDAIA"

no estado de São Paulo tem "INDAIÁ-DO-AGUAPEÍ" e "INDAIATUBA", que já foi vila em 1859. — "QUARTEL DE INDAIA" informa o lembrado Aires da Mata Machado Filho, no livro "O Negro e o Garimpo em Minas Gerais, é lugar de pretos africanos e seus descendentes.

Como se vê, lugares antigos já eram conhecidos com o topônimo "INDAIA", antes que aparecesse em célula de colonização na empresa colonizadora do Dr. BLUMENAU ortografado: "INDAIAL". — Este detalhe pouco importa pelo aspecto lingüístico para a população distanciada do

saber universitário específico. — Entretanto, se em alguns dicionários: "INDAIA" é o mesmo que palmeira, os indaienses correspondem a informação dicionarizada. — Eles como de resto maioria dos habitantes da Bacia do Itajaí, incluindo mesmo a paisagem humana, plena de tanto verde, como se vê e se sente Blumenau (SC) exibem o zeloso amor à elegância de palmeiras e coqueiros: o zelo humano votado à árvore, caracteriza à gente que desde 1850 procurou aliança com a floresta e com o rio para construir a civilização catarinense, entendida, no verde da esperança praticada.

O passado em prosa e verso

Com agradável surpresa, recebemos do nosso colaborador amigo e assíduo leitor, sr. Germano Romer, um trabalho da história escrita em prosa e verso por Hermann Mathes, em 1915, narrando todas as peripécias de sua trajetória desde que saiu da Alemanha, seu país, para fixar-se no Brasil, como imigrante. Por tratar-se de uma narrativa altamente histórica, através da qual o autor fixa um retrato de Blumenau daqueles idos, vamos procurar redigir este trabalho para oferecer aos nossos prezados leitores e como mais um documento em que mais uma vez se fixa a memória histórica de Blumenau através das impressões de mais um imigrante que fez do Brasil sua pátria adotiva e de Blumenau o berço de seus filhos. A chegada de Hermann Mathes, segundo seus versos, deu-se por volta de 1865. Eis o que ele narra:

«Sessenta anos se passaram desde que cheguei aqui nesta terra, onde uma nova pátria, encontrei.

Chegamos numa lancha com a qual viajamos até atingir a casa do velho Teschner, em cuja residência fomos hospedados, passando a noite. No dia seguinte, seguimos viagem a pé. Estrada ainda não havia, pois existia apenas uma picada ridícula dentro da mata espessa. Só vez por outra, aqui ou ali, surgia uma casa na clareira aberta na floresta. Na trajetória que percorremos, passamos por um moinho e uma oleiria. Caminhamos muito e, à tarde, após enfrentarmos o último difícil trecho de picada, escalamos o «Aipim-berg», em cujos morros ainda hoje existem os ranchos. De suas alturas pode-se ver os rostos, assim como ver toda a cidade. Esta ainda tinha poucas casas. Era uma pequena vila, na verdade. Ao seu redor, ouviam-se constantemente os gritos dos bugios. Existia aqui ou ali um rancho, entremeados de uma casa de madeira. No mais, tudo em volta era só floresta.

No local onde hoje se vê as

palmeiras (hoje Alameda Duque de Caxias), era preciso passar sobre troncos caídos bem no meio da rústica rua existente. E, frente aquelas belas palmeiras, erguia-se um rancho que era o abrigo dos emigrantes que ainda haveriam de chegar a Blumenau e que ali seriam recebidos. Via-se também daquele monte, o «Aipim-berg», uma parte da igreja na qual muitos já haviam casado. Olhando o rio, via-se bem ao longe a casa dos Kegel. Para se chegar ao local onde hoje existe o clube Germânia, era preciso fazê-lo de canoa, porque a estrada não existia. Lembro-me que a senhora Kegel cantava muito bem. Quando o fazia, sua bela voz era levada através do rio, e ecoava na floresta. Assim ela fazia seu pequeno Franz adormecer em seu berço: cantando com muito amor e ternura. Seu marido, o sr. Kegel, era um homem prático. Era um técnico também em conserto de relógios e armas. Ele tinha a solução para todos os problemas. Por isso, era muito procurado e benquisto. Tanto assim que, quando faleceu, todos sentiram imensamente sua morte. Ele também gostava muito de caça e narrava com entusiasmo suas aventuras: «Num domingo, com minha matilha de cães, — dizia ele — fui até a outra margem do rio. Lá encontrei os rastros de uma corça — veado — e o caçamos. Depois veio a temporada dos jacus que havia em grande quantidade pelas matas e não se achavam longe demais para serem caçados. Mesmo caçando para o sustento, sem exageros, sempre aprendi a amar a floresta».

(Tradução feita por Edith Sophia Eimer).

Hermann Mathes também es-

creveu expressando seu saudosismo pela CASA PATERNA, em versos que também foram traduzidos por Edith Sophia Eimer e que vamos dar-lhe redação normal, porque esta obra também tem muito a ver com o saudosismo daqueles que aqui chegaram no século passado, mas que, como é natural, jamais esqueceram de sua pátria mãe, onde deixaram amigos e familiares:

A CASA PATERNA — «Muitas vezes meus pensamentos atravessavam o mar e a terra, chegando à velha casa paterna, onde ficara meu berço. Lá está o jardim dos meus pais, com árvores repletas de frutos, dentre estes, muita pêra que deliciou minha infância. Havia também muita amora. Ao sair da escola, minha principal meta era chegar àquelas árvores, nas quais eu gostava de subir, razão pela qual muito fundilho de minha calça foi rasgado, dando trabalho à minha mãe para remendá-los. No extremo do jardim havia o velho muro, cujas pedras eram cobertas de musgo estabelecido ao longo de centenas de anos. Ele também servia para proteger a cidade. Mas caiu na guerra dos Husitten, quando a cidade foi queimada.

Bem dentro da floresta havia tílias e outras árvores. Nela proliferavam muitos pássaros cantores, inclusive o sabiá. Estes pássaros eram fiéis e sempre retornavam na primavera para fazer seus ninhos e criar seus filhos, cantando para nós. No meio do jardim havia um carramanchão que eu construí. Era coberto por saborosas uvas. Sob o mesmo, reuniam-se os amigos aos domingos, quando tudo era alegria e canto.

Os amigos se foram. Creio que nenhum deles vive mais. E eu

também me fui, atravessando os mares para encontrar uma nova pátria, à qual me sinto bem unido hoje. Mas, não posso esquecer a casa paterna e minha pátria, onde, quando criança vivi e onde meu berço lá estava.

Oh casa, oh juventude, estás longe e perto na lembrança que ficou comigo. Por isto sempre te amarei.

Agora, quero morrer. A fria terra vai me cobrir e ninguém mais perturbará minha paz».

CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — XXVIII

Frei Estanislau Schaeffe OFM — Década dos 20

S. C. Wahle — 1993

Dois anos (1925) após o meu ingresso no Colégio Santo Antônio (1923), Frei Estanislau Schaeffe O.F.M era transferido para Petrópolis, RJ. Ele tornara-se em Blumenau o melhor amigo de meu pai, pois, ambos eram professores no Colégio, tinham a mesma formação cultural e provinham da mesma região da Alemanha, a Westfália.

Frei Estanislau interessava-se primordialmente pelos costumes e histórias dos habitantes da antiga Blumenau. Junto com o meu pai, aproveitando todos os feriados, e quando possível, também aos domingos, iam visitar, a cavalo, os colonos para conversar com eles sobre aquilo que mais gostavam: da vinda dos antepassados, suas lutas, alegrias, desapontamentos e não raro as passagens hilariantes que davam motivo para alegres risadas. Depois de transferido para Petrópolis, não deixava de visitar periodicamente Blumenau, só que então visitava os seus amigos colonos, de automóvel, continuando o meu pai seu companheiro de viagens, e este, sempre quando possível, me levava. Assim, visitava Itoupava Central, Timbó, Indaial, Benedito Novo, Pomerode, Rodeio, etc.

Certa vez, meu pai ainda de posse de um automóvel Ford, tipo 1927, viajou com Frei Estanislau para visitar o sr. Hermann Weege, ilustre cidadão de Pomerode, que, além de ser um industrial muito benquisto, também, era influente político local e municipal. Dotado de um gênio essencialmente equilibrado, embora de aspecto sizo, era alegre, sabendo fazer humor que agradava a todos. Nesta ocasião, Frei Estanislau pediu-lhe que contasse alguns fatos que lembrassem bem o seu pai, que como era sabido, venceu em tempos em que tudo era difícil, pois, além das dificuldades da época, havia ainda uma instrução muito carente. Dizia ele, que certa ocasião todos se lamentavam das dificuldades da época. O que o seu pai não podia entender, é que todos procuravam trabalhar com lucro de 10%, e assim mesmo não conseguiam firmar-se no comércio, e ele, que só trabalhava com 1%, viu o seu empreendimento crescer. Os outros, espantados perguntavam como conseguia tal resultado. «É muito simples», retrucava, «tudo o que eu compro por um milréis, vendo por dois».

A última vez que vi Frei Estanislau em Blumenau, foi dois dias após a morte de meu pai (1957), já bem velho, porém, sempre com a mesma postura que lhe era peculiar, e disse-me «e assim as visitas às colônias passaram a ser coisas do passado, pois, o companheiro destas viagens despediu-se para sempre».

ENSINO PÚBLICO E PARTICULAR EM BLUMENAU

W. J. Wandall

10. As Irmãs da Divina Providência

Os Padres Franciscanos chegados ao Vale do Itajaí, iniciaram, de imediato, o seu trabalho religioso e, em paralelo, introduziram melhorias na enorme Paróquia São Paulo Apóstolo de Blumenau. Mas, vejamos como eram as instalações do Colégio São Paulo, segundo palavras do Irmão Claudius Tillesen.

«A parte principal do colégio formava a construção central que hoje ainda existe, ao qual, do lado paralelo com o cemitério, encontrava-se uma sólida construção de dois andares onde estavam localizadas as salas de aulas». O prédio de dois andares situava-se onde hoje encontramos a sacristia da atual Matriz de São Paulo Apóstolo e o cemitério achava-se sobre uma elevação que foi retirada quando da construção da nova Matriz, na década de 1950.

Após o cemitério e numa parte plana e cercada de muros de alvenaria, existiu até quase ao final da década de 1950, um campo de futebol do colégio, começando junto à parede lateral do atual salão nobre do estabelecimento de ensino e paralelo à Rua Sete de Setembro, terminando na Rua Padre Jacobs, onde nos finais de semana jogávamos acirradas pelepas. Hoje aquele local é ocupado por parte das construções do «Centro de Juventude Porta Aberta», movimento jovem da Paróquia, bem como, pelas galerias comerciais, situadas na Rua Sete de Setembro, fundos da Matriz de São Paulo Apóstolo.

Continuando com o depoimento do Irmão Claudius, no qual, fala sobre os trabalhos feitos inicialmente, comenta nosso transcrito: «um mês depois de nossa chegada» — portanto, final de janeiro ou início de fevereiro de 1894 — «começaram as aulas com 14 internos; o restante das crianças vinha da cidade. A escola para os rapazes funcionava na dependência sólida e a escola para as meninas, numa casa de madeira na outra extremidade». Com o passar do tempo e o aumento de matrículas, houve necessidade de ampliação do educandário. Depois de estudos e conseguidos os recursos necessários, procedeu-se a ampliação desejada, sobre a qual assim se refere o Irmão Claudius: «toda a construção tinha 100 metros de comprimento, 9 de largura e quatro de altura. Na parte interna, uma varanda. A área em frente do colégio foi plainada até a rua principal, a capela velha demolida e construído um grande muro de pedras fazendo frente com a rua principal».

É preciso dizer-se, ainda, ter o Padre Zeno Wallbroehl empenhado-se ao extremo, para dar ao Colégio São Paulo os melhores educadores, trazendo inclusive, «boas irmãs para o ensino das meninas». Diz o relato de «Vida Franciscana»: «quando soube que vinham três irmãs da Ordem da Divina Providência, pediu ao Padre Eiping, de lá, que deixasse estas três irmãs para a sua paróquia, com o que

concordou». E acrescenta o autor da obra em transcrição: «por este motivo em bem pouco tempo o colégio tomou um grande impulso e logo foi reconhecido também pelos comerciantes protestantes da cidade e região».

Mas, com a evolução do Colégio São Paulo «o trabalho tinha se avolumado e às matérias elementares foram anexadas francês e inglês como obrigatórias e latim como facultativas». Por tal razão carecia o educandário de mais professores. Assim, «ao nosso colégio chegaram em 1895, mais dois padres auxiliares, Padre Cletus Espey e Meinolph Gutberle, vindos da Bahia». E a fama do Colégio São Paulo extravasou os limites da terra catarinense, pois, «tínhamos alunos do Paraná, São Paulo e até do Rio de Janeiro», segundo comentário inserido em «Vida Franciscana».

Com a chegada do ano de 1896 o Colégio São Paulo funcionava de maneira normal e sem sofrer qualquer contratempo. Apesar de algumas modificações introduzidas pelos franciscanos, a ministração dos cursos normais não sofreu qualquer restrição, nem da parte do governo e muito menos dos alunos, quando teve seu nome mudado para Colégio Santo Antônio.

Gostaríamos de voltar ao centro administrativo do Município de Blumenau, a fim de aclarar alguns pontos, a nós parecendo contraditórios em relação àqueles apontados por José Ferreira da Silva, em sua «História de Blumenau». Menciona o historiador ter sido o Pastor Faulhaber diretor da «Neue Deutsche Schule» (páginas 249 e 250), quando de acordo com as atas das assembléias daquela es-

cola consta como tendo sido Inspetor da mesma por tempo curto, devido às exigências do Dr. Blumenau em negar a ingerência religiosa naquela escola, ao ser consultado sobre a troca de terreno para localização do novo prédio do educandário.

Com relação ao Colégio São Paulo, menciona nosso imortal da Academia Catarinense de Letras, ter ocorrido em 1899 a troca de nome para Colégio Santo Antônio (página 251), contrariando as afirmações de Frei Oswaldo Furlan, indicando este como sendo em 1896, quando o colégio passou a funcionar, também, com uma parte destinada ao «Lehrer-Seminar» e não como diz Ferreira da Silva «destinado, exclusivamente, aos rapazes tendentes à carreira eclesiástica...» Segundo o Padre Furlan tratava-se de «um curso de Formação de Professores para atender às numerosas escolas paroquiais da região».

Falamos, também, baseados numa monografia de Edith Kormann a respeito de empresários de Hamburgo, procurando ajudar na fundação da «Neue Deutsche Schule», isto de 1855 em diante. Mencionamos, igualmente, a existência dos «Schulverein» aboletados em pesquisas de Frederico Kilian, que mantinham as escolas. Ora, se analisarmos uma observação feita por nós, a respeito de constar dos relatórios de algumas escolas, terem elas recebido material escolar dum sociedade alemã, não estaríamos da mesma forma nos referindo a «Schulgemein» citada por Ferreira da Silva (página 242)?

Nosso emérito historiador afirma, ainda, que em 1855 as Irmãs da Divina Providência chegaram a Blumenau para fundar um conven-

to e criaram uma escola para meninas (página 251). Segundo relato de «Vida Franciscana», foi o padre Zeno Wallbroehl quem pediu ao Padre Eiping para que ditas irmãs fossem designadas para a Paróquia de São Paulo Apóstolo de Blumenau, a fim de ministrarem aulas às meninas matriculadas no Colégio São Paulo.

Queremos deixar bem claro nossa colocação. Não estamos querendo criar polêmica, ou mostrar-nos mais eficientes do que quem nos precedeu. Muito pelo contrário; não fossem tais abnegados e não teríamos hoje possibilidade de fazermos ditos registros. Nosso objetivo prende-se simplesmente a evitar-se dupla interpretação de fatos históricos, o que disvirtuaria, sobremaneira, a realidade tão desejada para veracidade dos acontecimentos.

Depois destes breves registros retornemos à atuação dos Franciscanos. Encarregado que fora de coordenar a atividade sacerdotal junto à Colônia Italiana, Frei Lucínio Korte passou a visitar e dedicar-se à região habitada pelos itálos, a partir da conclusão das reformas havidas na sede da Paróquia de São Paulo Apóstolo. Constatou muitas dificuldades e para as resolver começaram a surgir alguns desentendimentos entre o padre e os colonizadores, retardando a ação daquele religioso em sanar os problemas encontrados.

Enquanto isso ocorria com os italianos e Frei Lucínio, na Escola Nova Alemã, uma importante ajuda era recebida em 1898. O imperador

da Alemanha concede uma subvenção anual de 1.000 Marcos à Escola, com a expressa recomendação: «é necessário que esta soma seja utilizada na ampliação da escola». Sem dúvida, passou a Escola Nova Alemã a desfrutar de uma situação invejável para se desenvolver, tendo por isso, recebido referências as mais elogiosas de visitantes ilustres e autoridades.

Fazendo um paralelo entre a situação educacional das outras partes do Município, com a região de colonização italiana, imaginou Frei Lucínio Korte resolver os problemas educacionais dos italianos com a formação de uma sociedade escolar, a exemplo das existentes em outras localidades blumenauenses. É o historiador José Escalabrino Finardi que nos fornece os dados preciosíssimos, a seguir transcritos.

«Foi diante desta situação que Frei Lucínio Korte, a quem na extensa paróquia de Blumenau estava afeta a coordenação das capelas da colonização italiana, decidiu organizar na sede de Rodeio, uma Sociedade Escolar, cujos sócios fundadores, em número de trinta e oito, se obrigavam à manutenção da Escola, mediante a anuidade de Rs. 5\$000.

Os respectivos Estatutos, redigidos pelo próprio Frei Lucínio, foram aprovados e assinados em data de 1º. de abril de 1899, elegendo-se ele próprio como Inspetor perpétuo da Escola, que passou inicialmente a funcionar na Capela de madeira e depois na de tijolos».

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

Atilio Zonta,

- Primeira linha de ônibus, ASCURRA/BLUMENAU;
- Encerramento do Congresso Mariano na cidade de Joinville;
- Visita canônica ao aspirantado de Ascurra, pelo Inspetor Padre Antônio Barbosa e,
- Transmissão de cargo do Prefeito Municipal de Indaial.

Os trens de passageiros e de carga da Estrada de Ferro Santa Catarina S.A. que, diariamente, faziam os transportes intermunicipais de Blumenau a Rio do Sul e Ibirama e, em sentido inverso, facultavam aos núcleos populacionais que se implantaram nas laterais da ferrovia, comunicações rápidas e fáceis, permitindo enfim, um intercâmbio de pessoas e, portanto, de idéias, de transações e de riquezas. Entretanto, para a população de Ascurra e Rodeio localizada na margem esquerda do Rio Itajaí-Açu, ao se deslocar de trem para outras regiões, obrigatoriamente, tinha de atravessar esse rio. Em períodos normais e tempo bom, o barqueiro o fazia de balsa, sem problemas, para alcançar a outra margem; porém, em tempos chuvosos, com o aumento considerável das águas acima do limite do nível normal e, conseqüentemente, quase sempre ocorria o seu transbordamento, alagando os lugares que davam acesso ao porto, paralisava a travessia da balsa, substituindo-a por canoa, e para alcançar a margem direita, ameaçando a vida de todos quantos quisessem chegar à Estação Ferroviária ou a estrada geral.

Em 1936, dois simples lavra-

dores da localidade de Rodeio 50, Lucínio Cristofolini e seu irmão Honorato, inteirados do problema que preocupava as famílias dos distritos de Ascurra e Rodeio, prevendo também negócio que poderia render-lhes lucro certo, inauguraram a 1ª. linha de ônibus intermunicipal, adquirindo um chassis Ford V8, carroceria fabricada em Blumenau, de madeira de lei, com capacidade para transportar vinte e cinco passageiros. Sobre o teto do veículo, pediram que fosse instalado enorme bagageiro destinado ao transporte de aves, produtos das lavouras e até suínos, que sempre eram comercializados junto aos hotéis, Holetz, Pauli e São José, em Blumenau. Ônibus simples, rústico e sem conforto, servia plenamente às localidades por onde passava. Partia de Ascurra às 5:00 h do bar de Ernesto Dagnoni, instalado não distante da Igreja «Sagrada Família» em Ribeirão São Paulo, percorria a freguesia de Ascurra até o Hotel de Aléssio Zonta, em frente à Igreja matriz; retornava para tomar a estrada que demanda de Rodeio (hoje Rua Santa Catarina); transitava pela rua principal de Rodeio e depois, Rodeio 50, 32, 12 e Timbó, fazendo aí breve parada; momentos depois,

seguia adiante em direção a Indaial, onde cruzava a ponte de arcos, até alcançar o Hotel Hardt. Da então pequena cidade de Indaial, partia para Encano, Passo Manso, Itoupava Seca e, finalmente, Blumenau. Os passageiros eram recolhidos ao longo da estrada, chegando ao destino às 8:30 h. Três horas e meia de viagem para os que embarcavam em Ascurra. Em Blumenau, enquanto que a maioria se entregava ao trabalho de compras em lojas e armazéns de produtos industrializados, os Cristofolini, proprietários da empresa, dedicavam-se às entregas da carga constituída de aves, suínos e outras mercadorias, aos hotéis. Às 15:00 h o ônibus retornava, supercarregado e, por toda a extensão da estrada, com dezenas de interrupções, faziam a entrega das compras feitas em Blumenau, pelos passageiros e as outras encomendas pelos negociantes, chegando em Ascurra às 19:00 h. Viagem extremamente cansativa e demorada. De segunda a sábado cumpria impreterivelmente o itinerário, Ascurra /Blumenau e vice-versa, mesmo em épocas de chuvas. O espírito de iniciativa dos Irmãos Cristofolini, fundadores da primeira linha de ônibus, fizeram jus a todos os elogios da população que residia, por onde passava seu ônibus. Em 1939 a empresa encerrou suas atividades cujos proprietários abraçaram outros ramos de negócio. Novas linhas, se sucederam ao correr dos anos, oriundas de Rodeio e Ascurra, quais as seguintes: Irmãos Fachini, de Rodeio 32; Berri e Stranslawski, de Rodeio 50, Irmãos Depiné e por último, a de Dalfovo Irmãos Ltda. de Ascurra, todas, fazendo o itinerário da primeira.

Na cidade de Joinville, no dia 18 de julho de 1955, a Diocese Episcopal, realizou solenemente o Congresso Mariano. Padre Octávio Bortolini, encarregado da Congregação Mariana de Ascurra e seu irmão Pe. Alfredo, Diretor e Vigário da Paróquia, fizeram-se presentes com vinte e cinco congregados marianos, participando, também, da grandiosa procissão. Nesta solenidade, todos assistiram missa campal, assim como, ao imponente desfile pelas ruas da cidade e à reunião solene, presidida pelo Bispo Diocesano, Dom Pio de Freitas. À tarde, participaram do encerramento dessa grande e empolgante concentração mariana em que reuniu congregados de todas as paróquias subordinadas à referida Diocese.

O seminário «São Paulo» de Ascurra, ficou pertencendo à Inspetoria Salesiana Nossa Senhora Auxiliadora, com sede em São Paulo, até 1958, quando foi criada a Inspetoria Salesiana São Pio X. Em princípio, com sede em Rio do Sul e, posteriormente, em Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul. Em 16 de setembro de 1953, Padre Antônio Barbosa, seu Inspetor, fez visita canônica ao Aspirantado e à Paróquia, tendo-se demorado em Ascurra até 30 do mesmo mês. No dia 29, Inspetor e Vigário, visitaram o Bispo da Diocese de Joinville e lhe entregaram o documento, pelo qual, aceitavam o desmembramento da Paróquia de Apiúna da de Ascurra. As capelas do distrito de Ascurra ficariam subordinadas à Matriz, compreendendo à de Apiúna, as de Ribeirão São Luiz, Morro Pelado, Vargem Grande e Ribeirão Neise. Padre Antônio Barbosa, deixou a Inspetoria Salesiana em razão de ter

sido nomeado, pela Santa Sé, à plenitude do sacerdócio, ou seja, consagrado Bispo de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Padre Barbosa foi Inspetor durante seis anos; trinta e cinco de Bispo, dos quais, vinte e oito de Arcebispo, daquela Diocese. Aos setenta e cinco anos de idade, deixou a Arquidiocese como Arcebispo Resignatário e voltou a morar na sede da Inspetoria Salesiana em São Paulo. Nasceu nessa capital, no dia 10 de maio de 1911 e veio a falecer em 5 de maio deste ano, com oitenta e dois anos de idade. Foi o primeiro Bispo da capital do Estado de Mato Grosso do Sul.

Em 31 de janeiro de 1956, no gabinete da Prefeitura Municipal de Indaial, compareceu Germano Brandes Júnior, Prefeito eleito pela segunda vez, para um mandato administrativo de cinco anos. Foi empossado conforme Ata de Reunião Extraordinária da Câmara Municipal, realizada na mesma data. O

cargo lhe foi transmitido por Marcus Rauh, em presença do Juiz de Direito substituto, Dr. Raul A. Bünde e Almir José Rosa, Promotor Público. O Vereador João Hening Filho, Presidente da Câmara Municipal, bem como, os Vereadores Atílio Zonta, vice-Presidente, Alfredo H. Hardt, Harmuth Hunsch, Alvin Rauh Júnior, Arlindo Ferrari e João Moretti, compareceram à Sessão solene de posse, bem como, amigos, parentes e correligionários do novo Prefeito.

No próximo número desta Revista Blumenau em Cadernos:

- Desenvolvimento econômico de Ascurra;
- Chegada das primeiras Irmãs Catequistas em Ribeirão São Paulo;
- Carta de um assinante desta Revista e,
- Primeiro Posto de Gasolina de Ascurra.

Questões econômicas no começo do século

«DER URWALDSBOTE» N.º. 26. Sábado, 28 de dezembro de 1901. Ano 9

A Indústria.

Baseados nos altos impostos de importação sob produtos industrializados estrangeiros, os Estados Unidos da América do Norte, protegeram e solidificaram sua indústria em desenvolvimento levando-a ao desenvolvimento de forma que reprimiram a indústria estrangeira do mercado interno para depois competir com sucesso no mercado mundial.

Os impostos de importação brasileiros são elevados e de ano a ano sofrem mudanças e não se pode ter efeitos benéficos. Este fato tem seus motivos: em primeiro lugar, nossa indústria ainda caminha com passos trôpegos; em segundo lugar não o temos aqui como nos Estados Unidos, um sistema protetor dos direitos alfandegários. Nossas

alfândegas são por sua natureza, alfândegas financeiras que por sua decretação não visavam pontos de vista politico-econômicos, mas sim, financeiros e apenas servem para arrecadar para os cofres da União.

Enquanto se recomenda que tais mercadorias estrangeiras, que também podem ser produzidas no país, uma alta taxa de importação poderia proteger o produto nacional da indesejável concorrência. No entanto, poderiam se livrar de taxas alfandegárias e matérias primas, artigos semifabricados, trabalhados e completados no próprio país, mas que precisam ser importados. O mesmo se refere a meios de atividade (máquinas etc.) que não podem ser fabricados no país. Em vez disto, na tarifa alfandegária, matéria-prima, artigos semi-fabricados e produtos, são avaliados e debitados da mesma forma. Despeja-se a criança com o banho! Esta medida indistinta reflete desfavoravelmente no desenvolvimento da jovem indústria nacional.

Além do mais a indústria é impedida em seu desenvolvimento dos meios da União com os malfadados impostos de consumo com o qual somos há quatro anos lembrados numa progressão crescente. Logo que qualquer ramo industrial se mostra rentável, aparece o fiscal do carimbo com seus selos de marcação. Na Europa, se agia quando o ofício começou a se desenvolver na forma de manufatura, com bases nacionais. França sob Colbert, e Brandenburg — Prússia sob o grande Kurfürst e seus sucessores, investiam no fomento da indústria interna. A Prússia pobre em indústria, com muito sacrifício introduziu fabricantes estrangeiros, concedendo-lhes abrangentes vantagens, como liberação de impostos, auxílio dos cofres do Estado etc. Gastos que mais tarde trouxeram ricos juros.

Bem diferente do Brasil. Aqui parece que só sobra dinheiro para objetivos improdutivo. Entre os brasileiros natos parece reinar uma certa animosidade contra empreendimentos industriais, em aparecimento que talvez se possa explicar do fato, de que nossa «indústria nacional» foi criada principalmente por estrangeiros ou naturalizados. Os luso-brasileiros preferem dedicar-se mais a distribuição do que a fabricação de mercadorias, de forma que encontremos entre eles um grande número de comerciantes, mas só muito poucos fabricantes.

Uma política alfandegária de impostos, a indústria é quase estrangulada em sua veia vital. Muitos ramos lucrativos florescentes foram se arruinando por causa do imposto de consumo. Face a esta realidade o senhor Rodrigues Alves, o candidato oficial à presidência da União, em seu discurso de programa repreensivo diz: «As indústrias do país são atingidas pela crise e fraquejam no desânimo». Naturalmente desanimam pois além das dificuldades puramente econômicas ainda precisam lutar contra as medidas governamentais desastrosas.

No entanto sabe — nosso futuro presidente, se nada vier ao contrário — «que toda a riqueza do país e os meios para os gastos do orçamento, provém da produção e a indústria nacional, também está ciente que o fomento da indústria e do comércio, pertencem às obrigações

que pela Constituição são impostos às autoridades da União». Mas parece que sua sabedoria acabou. Pois, como presidente não esclareceu como pretende resolver esta questão (ele não esclarece com uma só palavra). Ao contrário ele diz ao eleitorado, que «a questão financeira precisa ser a preocupação mais importante do governo, a longo prazo». Belas perspectivas! Isto significa portanto: continuação da política do senhor Campos Salles, que concentrou todas as suas forças na satisfação dos credores estrangeiros e para este fim impôs ao país, especialmente às classes produtoras, uma carga de impostos quase impossível de suportar, sem considerar que aqueles que carregam pesadas cargas também precisam ser fortificadas em vez de ser sistematicamente enfraquecidas.

Mas os reclames de nossa indústria contra o governo da União não estão em absoluto esgotados. Um capítulo deveras triste são os incômodos das tarifas alfandegárias. Todo importador sabe contar uma história a este respeito. Negligência e falta de conhecimento da mercadoria por parte dos funcionários da alfândega, já custou a muitos o esperado lucro do produto importado: Assim aconteceu por exemplo, que um fabricante local teve que pagar por uma remessa de lã para fins de fabricação (600 Rs por quilo de tarifa) precisou pagar (6\$000 por quilo) porque consideravam o material, lã de bordado. Um outro caso, foram tarifadas cortinas, como rendas, porque a palavra «cortina» não constava na lista de tarifas. A isto se soma, dinheiro de multas devido supostas declarações falsas e outras sacanagens semelhantes. Reclamações naturalmente ficam sem qualquer resultado na conhecida teimosia de nossos funcionários.

Tão pouco, como a União, os diversos Estados têm pouco interesse pela indústria. Se a União impõe impostos de importação, os Estados impõem impostos a exportação. Podem assim imaginar como a indústria sofre a múltipla carga. Paga-se tarifa alfandegária sobre a matéria-prima ou semi-fabricada, pelo produto feito, imposto de consumo pelo produto exportado, tarifa de exportação e isto em carga dupla ao Estado e ao Município. E de onde virá a rentabilidade? Já há muito foi reclamado em manifestações de entendidos e autoridades a extinção das tarifas de exportação, pelo menos o afastamento do imposto duplo, como uma medida necessária mas, nada acontece. Paciência! Tudo que é bom tem que esperar. Neste meio tempo a indústria que se vire. Alguns Estados como o Paraná por exemplo, lançam até impostos de importação, encobertos através de um acréscimo pagável ao cofre do Estado, nas cargas por via férrea pouco se importando se as mercadorias vêm do exterior ou do interior do país.

As tarifas alfandegárias de exportação municipais são em nosso Estado impostos certos limites, não podendo ultrapassar os 50% de tarifas estaduais. Em Blumenau, a tarifa de exportação municipal sobre produtos industrializados, no ano passado, foi de 1/2% do valor. Em decorrência das reclamações dos fabricantes foi reduzido a 1/10%,

enquanto os impostos de ofício direto para os estabelecimentos foi elevado. Mais incômodo do que as tarifas alfandegárias são os incômodos da perda de tempo, para obter o despacho antes que a remessa possa seguir. Acrescentemos ainda que na maioria dos municípios também a oferta de mercadorias de viajantes, estão sujeitas a enormes impostos, assim se pode ter uma idéia do que se entende neste país sob a «proteção da indústria nacional».

União, Estado e Município se rivalizam com a nobreza de extorquir dinheiro da indústria, dificultando-lhe a vida onde quer que seja. Além do mais em muitos lugares ainda se precisa lutar com as dificuldades locais. A indústria é realmente a «gata borralheira» da política econômica brasileira. Em Blumenau, somente consideramos os péssimos meios de comunicação. Não é raro que o navio do «Lloyd Brasileiro», quando não está disposto, simplesmente, não leva a mercadoria pronta para o embarque no porto de Itajaí. E se a tripulação no navio estiver disposta a dificuldades com o pessoal da alfândega. Vem por exemplo o vapor de Blumenau com carga à tarde, para Itajaí. O navio parte na manhã seguinte. Pensamos que a ocasião é oportuna, mas nada disto! Não se pode esperar do funcionário da alfândega (isto é da mesa de rendas estadual) que faça um só traço fora de sua hora de expediente. No Brasil como sabemos os funcionários não estão a disposição do público, mas sim o público está a disposição dos funcionários. Assim a mercadoria fica até o próximo navio.

Até onde se pode falar de um crescimento blumenauense de nossa indústria, isto somente se deve ao empenho pessoal dos respectivos empreendedores, que realmente não se acham num berço de rosas. Além disto nosso município tem poucos grandes estabelecimentos a relacionar. As condições aqui não são favoráveis ao desenvolvimento de grandes indústrias. Não considerando somente isto, a questão do trabalhador, também cai um grande peso na balança. As vantagens indiscutíveis de uma posição de vida dos trabalhadores, são outra vez compensadas por outras circunstâncias. Primeiro, acontece freqüentes trocas de força de trabalho. A maioria só trabalha temporariamente na fábrica, para economizar um pouco e voltar à Colônia. Foi dada facilidade às pessoas para tornarem-se independentes. Assim há falta de uma forte e ativa classe trabalhadora, se alguém mais ou menos adquiriu certa experiência, abandona a fábrica. E se o andamento do negócio uma vez exigir o emprego de um número maior de trabalhadores, o fabricante não saberá como resolver esta questão, pois uma classe industrial de reserva aqui não se conhece nem pelo nome. Faltam as condições primordiais que possibilitam a uma grande empresa industrial de maior fundamento.

TRADUÇÃO : Edith Sophia Eimer.

Cartas

"Blumenau, 13 de outubro de 1993.

Prezado Sr. José Gonçalves, editor da revista "Blumenau em Cadernos".

Convivendo em amizade há longo tempo com a veneranda senhora Gertrud Mahling Koehler, conhecendo, assim, nos diálogos mantidos a trajetória de sua vida, desde a viagem que empreendeu com seu pai, imigrando para o Brasil em 1924 e a prosperidade alcançada aqui no Brasil, apresento, para conhecimento do prezado amigo, um trabalho elaborado sobre o que ela, sra. Gertrud, escreveu em alemão, para, se possível, ser editado na revista "Blumenau em Cadernos".

Isto é fruto de visitas que tenho feito à dona Gertrud, em sua residência localizada no bairro Bom Retiro, onde passa o tempo lendo revistas, inclusive as que recebe de outros países, nos idiomas espanhol, alemão e portugueses.

Nos diálogos que tive com a sra. Gertrud, ela contou-me um fato interessante, que não incluí na sua narrativa que estou anexando a esta e que foi o seguinte: quando viajava para o Brasil com seu pai, num navio onde viajavam mil imigrantes, ela conheceu um jovem muito simpático, de cujo nome jamais esquecerá. Depois da chegada ao Brasil, separou-se dos demais imigrantes, inclusive despediu-se do jovem com o qual fizera sincera amizade. Tomaram rumos diferentes. Os anos passaram. Dona Gertrud casou-se, teve seus filhos e foi avançando na idade. Participou sempre de muitas reuniões sociais e culturais. E, após tantos anos, num destes encontros, comunitários, ela reencontrou aquele jovem, agora um homem de acentuada idade. Foi um encontro de emoção e alegria, quando ambos narravam as trajetórias de suas vidas depois daquela longa viagem de imigração.

Dona Gertrud, quando imigrou para o Brasil, era orfã de mãe. Por isso, cresceu e foi educada, após sua adolescência sob a tutela de seu pai e a sorte de sua família sempre foi abençoada por Deus. Ela é um exemplo de mãe e, hoje, nos seus 86 anos de idade, usufrui dos benefícios que faz jus pelo seu desempenho na vida, juntamente com seus filhos, netos e bisnetos, dentro de um padrão de vida que nada lhes falta.

A verdade é que, dona Gertrud, seu pai e seus irmãos que para cá vieram, fazem parte daqueles que contribuíram para a prosperidade de nossa Blumenau e da região, os imigrantes em geral, a cujo pioneirismo devemos o que hoje usufruímos, numa cidade e região progressista como é Blumenau e a região do Vale do Itajaí.

Atenciosamente
Elias Boell Júnior"

FIGURA DO PRESENTE

Trajетória da vida de dona Gertrud Mahling Koehler, narrada por ela mesma

«Recordações de nossa imigração para o Brasil.

Nos anos 20 (vinte), a vida na Alemanha ficava cada vez mais difícil. O desemprego era assusta-

dor. A inflação acabava com o resto das economias.

Quando muitos pais não sabiam mais como continuar lutando, apareceu como uma estrela de es-

perança, nos jornais e rádios, uma propaganda para nós. A (Hanseatische-Kolonisation Gesellschaft) radicada em Hamburgo, companhia que oferecia grande quantidade de terras em Santa Catarina, com administração radicada em Harmonia), hoje Ibirama.

Nosso pai se interessou e procurou mais informações. Soube que já antes da 1ª. Guerra Mundial, em 1910, vários alemães se instalaram nesta região, com o nome de Neu Berlim, Neu Bremem, Neu Sietin, Neu Breslau, hoje Presidente Getúlio, Dona Emma e outros.

Em pouco tempo meu pai tinha seu plano pronto.

Vamos imigrar para o Brasil,

Amigos queriam que meu pai desistisse dessa idéia, pois ele era viúvo. Nossa mãe havia falecido há 2 meses antes da guerra acabar, em 1918, quando meu pai e meus irmãos mais velhos ainda estavam lutando.

Mas meu pai não se deixou convencer. Nós tínhamos uma grande e linda casa; logo encontramos um comprador. Todas as formalidades, que não eram poucas, foram resolvidas, e já estava chegando o dia da nossa partida.

Meu pai queria que meus irmãos mais velhos nos acompanhassem, mas os dois eram casados, e um já tinha um filho de 2 anos. Desistiram. Eles não quiseram abandonar a pátria.

Então, meu pai, 3 filhas de 18, 17, 16 e dois filhos de 14 e 12 anos, estavam prontos para a longa viagem.

Nossa pátria, nossa cidade era Freistat Sachsen. Era uma linda cidade, com 12.000 habitantes, distante só poucos quilômetros de Chumnitz, naquele tempo já uma

grande cidade industrializada. Até 1918 tudo isto pertencia ao «Höenigreich Sachsen Holberg», governado pelos reis da Alemanha.

Chegou o dia de nossa partida, 30 de janeiro de 1924. Dos vizinhos e conhecidos já nos despedimos um dia antes, e agora faltava nos despedirmos da nossa família: avó, os dois irmãos, cunhadas e o pequeno sobrinho.

— Voltaremos a nos ver outra vez? — Creio que todos pensavam a mesma coisa. E agora a viagem até a estação da estrada de ferro. Ainda bem que já era noite, e ninguém podia ver as lágrimas que corriam sem parar.

Durante a viagem de trem, cruzando a Alemanha, nós dormimos, só acordando ao amanhecer. Era hora da chegada em Hamburgo.

Nosso pai encontrou um hotel perto do porto; todo nosso cansaço, nossa tristeza tinham desaparecido. Nós que nunca tínhamos conhecido um porto e o mar, ficamos deslumbrados.

Dois dias de espera. No dia seguinte embarcamos no nosso navio (O Bilibao), naquele tempo um navio grande, moderno, de classe única, para 1.000 passageiros. Era nossa primeira viagem; ficamos admirados com tudo. Embarcamos. Quando no Golfo de Biscaia, as ondas eram cada vez maiores, as mesas de refeição ficavam cada vez mais vazias. Na nossa mesa ninguém faltava, porque nenhum de nós enjoou na viagem.

Quase um mês depois, chegamos ao Porto do Rio de Janeiro. Só que nossa parada foi curta, e só podemos ver a cidade do convés do navio, o que nós lamentamos muito.

Pouco tempo depois continuou

a viagem, e chegamos ao Porto de Santos, onde pudemos desembarcar por algumas horas. Aqui constatamos que estávamos em país estrangeiro, o idioma, as pessoas eram diferentes de nós. Quase nos assustamos. Ao voltarmos nosso pai comprou um cacho com lindas bananas douradas. Quando nossos irmãos carregavam as bananas escada acima, todos riram e debocharam. Mas as bananas estavam muito gostosas, e foram as primeiras que comemos em nossas vidas.

E aí continuou a nossa viagem. Chegamos ao Porto de Paranaguá, e na noite seguinte chegamos a São Francisco do Sul, término de nossa viagem, dia 2 de março de 1924, um mês inteiro num navio! Não foi fácil nos despedir, pois tínhamos feito amizades com os que continuaram a viagem.

Um hotel logo foi achado, e lá permanecemos por três dias, pois nossas malas tinham que passar pela alfândega.

Tudo resolvido, pegamos o trem, e em umas horas estávamos em Jaraguá, onde desembarcamos. Mais um dia e uma noite, até encontrar um transporte até Blumenau.

Na manhã seguinte uma carroça de colono, com dois fortes cavalos, já estava nos esperando. Nosso pai na frente na boléia junto com o carroceiro, e nós cinco atrás, com um pouco da nossa bagagem, somente o necessário. O resto de nossa bagagem chegou 2 dias depois.

A estrada era tão estreita que só uma carroça podia passar. E tão em cada volta do caminho, tinha um pedaço mais largo, onde 2 carroças podiam passar uma pela outra. Para facilitar, cada cava-

lo tinha um sininho na cabeça para alertar que se aproximava.

No caminho as árvores eram imensas, chegando bem perto da carroça; e no outro lado um imenso abismo. Para espantar nosso medo, nós nos concentramos em tudo, e nos passarinhos de cores diversas. Os irmãos diziam que tinham visto macacos. Assim passou o dia, e de noite chegamos a Pomerode.

Lá o carroceiro sabia o lugar onde podíamos pernoitar. Teve um jantar gostoso, e nós caímos cansadíssimos nas camas. Na manhã seguinte, bem cedo, continuamos viagem e já mais familiarizados com o ambiente, pois falavam a nossa língua, chegamos de tardinha em Altona, hoje Itoupava Seca. No hotel Wüergues nossa viagem tinha chegado ao fim.

Aqui tinha grande movimento, e nós não éramos os únicos imigrantes. Estranhamos que só se falava alemão e tínhamos a impressão de não estar num país estranho. E sim ainda na Alemanha.

Poucos dias depois, nosso pai e mais três homens, que haviam vindo no mesmo navio e tinham os mesmos planos, foram conhecer a tal colônia Hansa. Nós ficamos sob a guarda da boníssima Frau Wüergues. Dez dias o pai ficou fora, e nesse tempo fomos conhecer as redondezas, e já nos sentíamos como em casa. Todos eram gentis e nos mostravam o que era estranho para nós.

Na noite que nosso pai regressou, o hotel estava cheio de pessoas da redondeza, querendo saber o que tinha visto nessa viagem. Meu pai confirmou que de fato, tudo era verdade, do que em Hamburgo fizeram propaganda.

Em Hamônia as pessoas estranhas, ficavam impressionadas com essas colônias, de grandes plantações, gado e tudo mais. Só que o pouco terreno que estava à venda, estava distante, e era pura mata virgem, perto da divisa com os índios. Só dois homens tinham comprado, e um deles era meu pai. Mas nunca conhecemos o lugar, pois nosso destino mudou completamente; uns dias depois apareceram dois senhores indagando se alguém dos imigrantes tinha noção sobre calçados.

Meu pai era especialista no assunto, e mais um moço que tinha vindo no mesmo navio. Seu nome era Fritz Vetterle, que anos mais tarde, tinha uma grande loja de calçados na Rua Quinze de Novembro.

No Bairro Bom Retiro existia essa fábrica de calçados de nome, «Stein-Com». Meu pai, o tal do Vetterle e eu fomos contratados (eu sabia costurar sapatos).

E assim foi tudo muito rápido. Em lugar de irmos para o mato, nós ficamos na cidade. No começo da Velha conseguimos alugar uma casa, compramos a mobília necessária, e com ajuda dos vizinhos em uma semana já estávamos instalados.

Na semana seguinte, o pai e eu fomos trabalhar no nosso novo emprego. Era de manhã e de noite, 45 minutos a pé para ir e vir. Rápido nos acostumamos com a nossa vida, como se sempre tivéssemos vivido aqui, encontramos amigos e amigas, e fomos conhecer bem Blumenau.

O tempo passou voando. Depois de um ano encontramos uma casa no bairro Bom Retiro; bem perto do nosso trabalho. E aqui

encontrei meu companheiro de vida. Em 1926 nós noivamos e em 1927 foi o nosso casamento.

Como meu pai se entendia muito bem com meu marido, nós ficamos morando com ele, e minhas duas irmãs foram trabalhar em São Paulo, e lá casaram mais tarde.

O irmão mais novo faleceu dois anos depois da nossa chegada aqui; nós já estávamos preparados para esta perda. O irmão mais velho, seguiu mais tarde também para São Paulo, viajou e conheceu muito do Brasil, voltou e se instalou em Rio do Sul, com a Fábrica Oriente.

Meu marido era do comércio e sempre desejou ter o seu próprio negócio. No ano de 1932 tivemos a oportunidade de encontrar em Lontras, alugar e depois comprar, um negócio com terreno, onde criamos animais, abrimos um açougue, um bar e salão de baile.

Quanto tive que aprender naquela época? Mas aprendi graças a Deus!

Meu pai naturalmente, veio conosco e foi de grande ajuda; ele cuidava do nosso pomar, com grande variedade de frutas, e também do nosso jardim. Vetterle, mais tarde, tinha uma grande loja de calçados na Rua Quinze de Novembro.

Meu pai adorava cuidar de tudo. Papai faleceu com a idade de 88 anos, o que entristeceu toda a família.

Quando nossos quatro filhos cresceram, casaram e voaram do nosso ninho; nós vendemos tudo com muito pesar, pois foram 25 anos de luta e felicidades de nossas vidas.

Desde 1957 estamos outra vez

em Blumenau. Meu marido faleceu em 1963, com a idade de 61 anos.

Desde então vivo rodeada de meus filhos, netos e bisnetas.

Nota do Editor: Esta narração foi escrita pela Sra. Gertrud, em alemão, traduzida pela Sra. Wally Techentín, num trabalho coordenado por Elias Boell, aos quais agradecemos.

Nunca esquecemos a pátria distante, mas a nossa nova Pátria, amamos desde o primeiro dia, e não nos arrependemos de ter imigrado para o Brasil.

A NOSSA MENSAGEM

Há pouco mais de dezesseis anos estamos à frente dos destinos desta revista. Assumimos a responsabilidade de direção e redação de «Blumenau em Cadernos» em julho de 1977 e, apesar das duas grandes enchentes — 1983/1984 — que invadiu nossas oficinas gráficas e outros

departamentos da Fundação «Casa Dr. Blumenau», jamais permitimos que fossem interrompidas as edições da revista ao longo destes anos. E hoje, «Blumenau em Cadernos», neste mês de novembro, está registrando seus 36 anos de circulação ininterrupta — fato talvez inédito no país — em se tratando de uma revista histórica, sem fins lucrativos.

Os nossos assinantes que, anualmente renovam suas assinaturas, compreenderão, por certo, que a revista lhes é fornecida gratuitamente. O que cobramos na assinatura, mal dá para as despesas de porte pelo correio. Isto se faz, porque a finalidade principal não é visar lucros, mas sim, sustentar as edições de uma revista que, em toda sua trajetória, sempre procurou cumprir com os objetivos que a colocou em circulação em novembro de 1957 por José Ferreira da Silva: ser guarda fiel da memória histórica de Blumenau, da região e até do Estado catarinense. E é o que temos procurado fazer nestes 17 anos em que nos ocupamos com estas edições.

Hoje, estamos, nós o editor, com 73 anos de idade e, neste dia 13 de novembro de 1993, feito o registro de nossas Bodas de Ouro — eu e minha esposa Maria Helena, casados no dia 13 de novembro de 1943.

Se nossas forças continuarem valentes como até aqui, a disposição constante de pesquisar e escrever, esperamos sustentar estas edições de «Blumenau em Cadernos» ainda por vários anos, enquanto aguardamos alguém de novas gerações que virá nos substituir com a mesma disposição, amor e entusiasmo que caracterizaram nosso trabalho até hoje.

Aos nossos prezados leitores e assinantes e, especialmente aos colaboradores que sempre têm estado presentes em nossas edições, a nossa gratidão pelo apoio recebido e a certeza de que haveremos de continuar contando com este apoio ao longo dos anos que seguirão.

Finalmente, o nosso desejo de que este Natal e o próximo Ano Novo de 1994, seja para todos, dos mais felizes, repletos de saúde e bem-estar, enfim tudo o que desejamos para nós mesmos, sob a proteção de Deus.

José Gonçalves
Editor responsável

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia), editado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 14 de outubro de 1871

Dona Francisca — Na noite de 8 de outubro a associação de cantores «Helvetia», composta em sua maioria de suíços, realizou uma festa no salão do Sr. Kalotschke, que atraiu numeroso público. Além dos números de canto, representaram como atração especial, a peça teatral «Der Vetter aus Bremen» (O Primo de Bremen), de autoria do escritor Körner. O numeroso público aplaudiu delirantemente a apresentação e o baile realizado após o espetáculo prolongou-se até as primeiras horas do dia seguinte.

Notícia do mesmo dia

Representa um contra-senso incrível a disposição do telégrafo, estabelecendo taxa dupla para qualquer nome estrangeiro no texto de um telegrama. Quais os nomes que devem ser considerados estrangeiros? E quais não? Nomes próprios, assim como nomes de localidades, de países, de continentes, são intraduzíveis e idênticos em todas as línguas e portanto não podem ser considerados estrangeiros. Basta, portanto, um nome soar estranho aos ouvidos do telegrafista, e a taxa será dobrada. E, no entanto, tais nomes estranhos freqüentemente já se tornaram nacionais. Quantos alemães, franceses, etc., naturalizaram-se, tornando-se, assim, cidadãos brasileiros. O Direito Civil deve ser igual para todos. Mas não parece assim, pois se eu, cidadão brasileiro, me chamar Meyer ou Schulze, e se meu nome for citado no texto de um telegrama, este pagará taxa dupla. Se eu me chamasse Silva, Costa ou Oliveira, seria diferente e a taxa neste caso será simples. Onde fica a igualdade de direitos? Pois a Constituição a concede a todos os cidadãos, sem distinção. E os filhos e netos aqui nascidos do tal Meyer ou Schulze, estarão eles eternamente sujeitos ao pagamento dobrado, apesar de não existirem dúvidas a respeito dos direitos de sua cidadania? Ou existe uma lei secreta, que reza que depois de certo tempo um nome não será mais considerado estrangeiro? Estas indagações são oportunas, pois houve casos em que habitantes desta Colônia tiveram de pagar taxa dobrada em telegramas, devido a referida disposição, disposição contrária à Lei, dando motivos a atos arbitrários de toda a espécie. Por este motivo, é de justiça que a disposição seja eliminada o mais rápido possível, e, conforme nos afirmou o diretor do telégrafo da Linha Sul, o sr. Tenente Coronel Schusterschütz, existem esperanças que isto aconteça dentro de pouco tempo.

Anúncio do dia 7 de outubro do mesmo ano :

A Associação de Canto Coral «Helvetia» realiza no domingo, 8 de outubro, uma Festa de Canto Coral no Salão A. Kalotschke. Às seis ho-

ras da tarde, concentração dos sócios na sede e marcha com o estandarte, acompanhada por banda de música até o Salão do Sr. A. Kalotschke.

Programa

1) Apresentação de canto.

2) Peça teatral: O Primo de Bremen. Comédia de um ato, em versos, por Th. Körner. Personagens: Veit, agricultor. Margaridinha, sua filha. Franz, um jovem agricultor. Local: Sala na casa de Veit.

3) Apresentação de canções.

4) Para finalizar: Baile. Entrada por pessoa: 400 Réis.

Para evitar eventuais interrupções, não pode ser permitida a entrada de crianças menores de 12 anos.

Abertura da Bilheteria: 7 horas. Início: 7:30 horas.

Pela Comissão: Isaak Müller.

A coleção do «Kolonie-Zeitung» faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

OS IMIGRANTES ALEMÃES E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA (Vale do Itajaí - Sta. Catarina)

Prof^a. Valburga Huber — UFRJ

Temática: a emigração como "Leitmotiv"

O tema básico, sempre retomado, tanto na prosa como na poesia é a dualidade emigração/imigração. Tendo como base o fato de que a língua passa dos emigrantes aos seus descendentes, vemos que a literatura teuto-brasileira se realiza na comunidade onde há o domínio do idioma alemão.

Nascidos no Brasil, aqui vivendo há décadas, ou recém-chegados, todos se encontram no complexo de relações e concepções denominado Emigração/ Imigração, que é a realidade comum a todos. Esta constatação parece uma evidência, mas servirá como baluarte indispensável para a compreensão desta literatura.

Werner Aulich mostra, em seu artigo "O pathos dos emigrantes", que qualquer emigração encerra uma realidade objetiva, única e concreta, que é um marco na vida de cada imigrante. Há uma censura, um corte em todas as esferas, a começar pela genealógica. Daí a existência de duas realidades: a pré e a pós-emigratória.

Este corte é muito profundo e as reações individuais a ele são as mais diversas. Por deixar marcas indeléveis na personalidade, essas reações e suas características, bem como as transformações pessoais, são os aspectos mais importantes da espiritualidade teuto-brasileira. Esta só pode ser entendida a partir desse fato e o mesmo sucede com sua literatura.

O que caracteriza os escritores é uma bipartição: às vezes, tomam partido ante a emigração, fundamentando-se em sua posição social e profissional e, outras vezes, sentem essa realidade de modo poético e assim o expressam.

O complexo emigração/imigração está praticamente sempre presente, embora às vezes de forma subjacente. Constitui-se, pois, no "Leitmotiv" dessa literatura.

O lado subjetivo da emigração adquire extremo valor na literatura. As experiências pessoais são importantíssimo material narrativo e dão o tom chave em muitos livros. Elas estão relacionadas de forma direta ou indireta com a emigração,

uma vez que cada um vivenciou este feito em sua totalidade de uma maneira própria, pessoal, ou a força dele passou dos pais para os filhos, ou de amigos para amigos.

O escritor e o público podem ter tido as mesmas vivências, podem tê-las sentido com a mesma intensidade e até lembrá-las ainda com a mesma nitidez, mas isso é uma conjectura, uma hipótese. Na realidade, essas vivências diferenciam-se pelo conteúdo, forma e intensidade de indivíduo para indivíduo.

Além disso, anos mais tarde, cada um vê suas vivências de uma perspectiva diferente, sente-as de forma nova, dá-lhes outro significado ou até as entende de modo diverso, pois o ser humano muda e com ele a visão do seu passado. Muito é esquecido, outras coisas são vistas sob nova luz, aqui e ali, acrescenta-se algo por conta da imaginação. Quando já não há fatos reais, experiências próprias, então essas são captadas de outros pela sensibilidade. Nesta literatura há, pois, vivências pessoais e não-pessoais; vivências reais e fictícias, sendo o limite entre ficção e realidade, por vezes, muito tênue.

A emigração, como fato objetivo e realidade subjetiva é o principal tema desta literatura e a força plasmadora parcial de suas formas de expressão.

Ao perguntar se as sensibilidades antitéticas que caracterizam a espiritualidade teuto-brasileira conduzir-nos-iam realmente a uma origem comum, Werner Aulich afirma :

No espaço vital de uma comunidade teuto-brasileira existe, entre o poeta e o público, uma característica comum — a saber, justamente decisiva para um julgamento da poesia — que queremos designar, (...) de "PATHOS dos emigrantes". A palavra PATHOS criada pela antiguidade grega, significa — traduzida ao pé da letra — aproximadamente "encontro

traumático", "padecimento", caracterizando em todo caso o estado de uma pessoa, a qual algo adverso acontece, que sofre ou vivencia algo. Sob "PATHOS dos emigrantes" entendemos aqui, em primeiro lugar, uma atitude passiva, formada tanto pelo ato quanto pela aventura da emigração. Esta atitude pessoal inclui ainda uma susceptibilidade de formação particular em relação a determinadas sensações, a saber, a tantas quantas tenham, de qualquer maneira, uma conexão com a realização da emigração, com as suas experiências indiretas ou diretas. E, finalmente, externa-se aquela atitude moldada pelo PATHOS dos emigrantes numa particular capacidade de expressão. A atividade e passividade (dessa personalidade) com o seu melindre de reação fácil acham-se em relações contínuas com a emigração como ato, fato ou aventura. Este PATHOS é o estado das personalidades teuto-brasileiras; ele se manifesta com particular nitidez na literatura, no sistema do relacionamento entre poeta e público. E neste estado vemos a atitude básica, aquela "origem", à qual podem ser reduzidos — de certo modo como denominador comum — em última análise todos os demais problemas de uma particularidade "teuta" ou "brasileira", ou seja, "teuto-brasileira".

Para Aulich, os escritores estão sujeitos a este "pathos" em alto grau. Uma personalidade só se torna realmente escritor teuto-brasileiro através da força deste "pathos". Por ele as características européias de um indivíduo são buriladas e transformadas. Para a crítica de um escritor emigrante, importa saber de que meio social ele veio, que formação teve e quando chegou ao Brasil. Mas estas características sociológicas, culturais, locais e filosóficas do passado europeu são vistos no Brasil sob outro prisma :

não são mais parte essencial do caráter; sofrem mudanças pelo "pathos" da emigração, que no espaço vital teuto-brasileiro surge como realidade global, à qual também está submetido o descendente nascido na terra.

No público, a transformação transparece em situações cotidianas da vida familiar ou profissional, em sua adaptação às novas necessidades existenciais e, no escritor, ela se expressa em mudanças poéticas.

A lírica revela essa metamorfose pelo tema, e também pelas características de sua poesia. Por ser a lírica veículo de sentimentos, o pathos e a dualidade encontram nela sua melhor expressão.

No lirismo, no drama, na narrativa ideológica, religiosa e pedagógica e na história colonial são tratados os seguintes sub-temas: natureza e o homem, encontrando-se ao lado da etnia luso-brasileira (em primeiro plano), a indígena e a negra; o filho do imigrante; a mulher alemã nos trópicos; o imigrante; o teuto-brasileiro e a posição assumida para com a pátria antiga e a atual.

Onde não houve a censura, o corte só pode ser imaginado. Como jamais surgiu na velha pátria um "pathos" deste tipo com todas as mudanças obrigatórias que se seguem, a recepção desta literatura na Europa não é entusiástica como bem diz Werner Aulich:

Se na Europa, tão pequena é a compreensão encontrada pela literatura teuto-brasileira, deve isto ser atribuído, em primeiro lugar, àquela particularidade poética determinada pela predominância do PATHOS dos emigrantes.

No decorrer das transformações do homem teuto-brasileiro, vê-se a sua capacidade de ajustar-se às condições cotidianas diferentes. O negociante na estrada, o colono entre os caboclos, o comerciante em sua loja, cada um muda de acordo

com as exigências práticas. Essa adaptação fácil ou difícil é captada pelo escritor, em suas obras.

No estudo acima mencionado, o autor explica que também encontramos este "pathos" no público como uma atitude passiva, numa receptividade especialmente sensível. O PATHOS existe também nele, mas em potencial, faltando só um estímulo, para despertar. Varia a tomada de posição do público frente aos poetas teuto-brasileiros, os quais podem ser aceitos sem reservas ou completamente recusados. Os leitores podem sentir entusiasmo ou desilusão, harmonia e congruência ou desarmonia e discrepância em relação a esta literatura. Ter bom efeito no público é, pois, existir, entre escritor e leitor, uma mesma tendência patética. Não há, em geral entre eles, um encontro ou discrepância total. Os escritores correram o risco da aceitação ou rejeição já ao enfeixar seus escritores em livros, fato este que em si já é relevante.

Concordamos com W. Aulich, quando diz que desta cultura tão peculiar, tão diferente, devemos nos aproximar com flexibilidade e tolerância:

No espaço vital das poesias teuto-brasileiras, estas tendências penetram e entrelaçam-se em uma difícil, enredada e, por vezes, impenetrável corrente de um sistema de relações das mais diversas e contrárias. Somente num profundo conhecimento destas peculiares dificuldades que estão armazenadas, pode-se vir a ser juiz das particularidades literárias da poesia teuto-brasileira e pode-se tentar explicar e entender as tão frequentes, tão indecisas, tão raramente inequívocas para serem determinadas, e quase sempre tão efêmeras impressões desta literatura coloquial alemã em solo brasileiro.

— Personagens típicas

Quanto às personagens mais importantes, vê-se que na abordagem da natureza, a primeira antítese subjacente a tudo é: civilização X primitivismo. Vê-se o índio nas primeiras narrativas como fantasma assustador que assalta e depreda as casas dos colonos. Mais tarde, uma visão mais tolerante substitui a anterior. Quanto aos negros, há nessa literatura amostras de escritores que se engajaram pela causa abolicionista. (Baladas de Ernest Niemeyer) e também atitudes racistas, como será visto num dos capítulos deste trabalho.

Há críticas aos nativos e aos europeus, que traem sua origem e abandonam seus costumes e as misturas raciais são vistas com desagrado. A imagem do mestiço é negativa: mau caráter, com tendências ao vício supernacionalista e intolerante.

O luso-brasileiro é presença constante com características como a hospitalidade, o senso de honra, a sociabilidade, as paixões fortes no amor, o conformismo e o exagerado sentimento nacionalista. Há críticas às orientações governamentais, à corrupção e ao protecionismo, à impotência da Justiça e do Direito, sendo freqüentes as comparações com a Alemanha.

A convivência de alemães e brasileiros, geralmente marcada pela rejeição mútua é material de muitas histórias, contos e romances. Os casamentos mistos são tema freqüente inicialmente nas narrativas de aventuras, depois em contos e romances como os melhores retratos da antítese espiritual e cultural.

O filho do emigrante é também assunto constante, sobretudo nas cidades, onde a criança pelo contato social vivencia logo o confronto cultural e fica entre a influência do meio e a educação do lar. Há diversas interpretações da passagem de uma cultura a outra, sendo que alguns autores se expressam como uma perda

das boas qualidades dos dois pólos culturais (Schlabitz, Lens von Brüggén). A rápida aprendizagem da língua portuguesa — fato tão admirado pelos pais, no início — é visto depois como o primeiro passo para a negligência da cultura ancestral, que tentam manter com a narração de histórias e fatos de sua vida na Alemanha.

Os filhos são o espelho de uma alma saudosa e dividida, cuja melancolia é transmitida sobretudo aos mais velhos, para os quais a pátria dos pais é algo distante, mas com auras de sagrado e indestrutível. Mostram-no escritores como Hans Gronau e Lenz von Brüggén. Há também a decepção que os descendentes sentem ao conhecer a Alemanha, onde não são aceitos como iguais, o que engendra a sensação de não terem pátria. Este é um dos problemas mais comuns nas obras dos escritores tipicamente alemães. Os teuto-brasileiros deram menor atenção a estes problemas.

A mulher alemã é personagem chave desta literatura, na conservação da nacionalidade alemã e na formação da nova nacionalidade. Surge como salvadora do homem numa vida fracassada, como estímulo para novos empreendimentos, como a figura central do lar, que ela mantém, molda e torna aconchegante. Mesmo a mulher amarga do colono, personagem de várias histórias, com sua vida dura, tem esse papel de preservar o patrimônio cultural alemão (sobretudo a língua). Contando histórias e contos de fadas da Alemanha, cantando canções alemães ela mantém indelével, nos filhos, a imagem de uma pátria distante, ao mesmo tempo que lhes incute o amor pela nova terra.

Com a conscientização da problemática do dualismo germânico-brasileiro acirrado com a 1ª. Guerra Mundial, o teuto-brasileiro começa a povoar também essa literatura, com alguns autores defendendo o patrimônio alemão (Bismark Gedichte — Otto Meyer) e outros tentando um meio termo (Niemeyer, por exem-

plo). Os "hinos teuto-brasileiros" o ilustram simbolicamente: a pátria de origem é a mãe, à qual se deve amor, e o Brasil a noiva, à qual se deve fidelidade porque ela representa o futuro (ex.: Arno Phillip). Em romances, a Alemanha representa o afeto, o Brasil o dever (ex.: Emma Deeke). Há autores que claramente reforçam o lado brasileiro, e alguns farão mais tarde parte da liderança política das colônias.

O vínculo com a nova terra é igualmente tema comum. Expressa-se em gratidão e satisfação por seus filhos terem outra pátria. Há lenta interação entre brasileiros e descendentes de alemães, o que se expressa na linguagem, na adoção de costumes regionais e já as "Koloniegeschichten" (narrativas de colônia) retratavam isso. Estas estórias tinham o colono como personagem principal e, ao lado deste, o vendeiro, o comerciante, o dono de restaurante (pontos centrais da colônia) intermediários entre o campo e a cidade. Há, ainda, os vizinhos prestativos e corajosos, os estranhos, os recém-chegados, os misantropos, o professor e o pastor. Os dois últimos, com papel cultural relevante, aparecem já nas "Tendenzgeschichten" (estórias de tendências filosóficas, religiosas e pedagógicas) de Koseritz e outros.

O "Musterreiter", por sua vez, é o herói de narrativas aventurescas e humorísticas.

Outros personagens são o agrimensor, o engenheiro da estrada de ferro (geralmente enredo aventureSCO), os velhacos e vagabundos e os abastados (principalmente depois da 1ª. Guerra Mundial).

Nos imigrantes, são importantes os motivos porque saíram do país de origem, as ilusões e desilusões (o sonho da "terra prometida"), o sucesso, o senso realista baseado no trabalho e esforço ou o fracasso e, às vezes, a volta à velha pátria. O fracasso é visto pelos alemães como azar ou destino e pelos teuto-brasileiros como incapacidade de adaptação, inadequação para as condições de vida no

Novo Mundo. Os recém-imigrados da Alemanha — principalmente depois da 1ª. Guerra Mundial — são chamados significativamente de "Neu-Deutsche", literalmente "alemães novos". São presunçosos, arrogantes, com sentimento de superioridade e excessivo nacionalismo. À vezes a rejeição sarcástica é a arma contra um sentimento de inutilidade e estranhamento de não pertencer ao grupo teuto-brasileiro já ajustado à nova pátria, pois aqui já vivia há várias décadas. José Deeke escreve significativamente sobre esses tipos, ora como sabidões, ora como humildes aprendizes das vivências dos colonizadores mais antigos e ainda como personalidades de alto nível cultural que deram grande contribuição à cultura local (principalmente a partir de 1925).

A velha pátria, distante, é personagem igualmente central. Dela contam-se recordações, as belezas e as glórias.

As vivências, as memórias pessoais e de outras pessoas (importantes como preservação das origens e dos primórdios das colônias) abrangem desde a viagem da emigração até a vida nas primeiras colônias e vilas.

Nas descrições de viagem dos agrimensores (narrativas de aventuras) mostra-se a vivência à margem da civilização, sendo os indígenas e os revolucionários os personagens centrais.

Da nova terra, a natureza é tema que ocupa espaço considerável. Surge aos olhos do imigrante com as cores e a exotividade das matas vírgens, seus perigos, as vicissitudes do tempo como algo muito diferente daquilo que conhecia. Essa natureza tropical exuberante estimula também a produção de novos contos de fadas para crianças.

Lugar de destaque têm os acontecimentos máximos da colônia, as festas da aldeia, as quermesses, casamentos e batizados, que dão ensejo a fatos importantes. Nestas narrativas, os fatos e preocupações da vida da colônia, sua estreiteza e saudade, sua vida espiritual, seu comér-

cio, seus crimes, os destinos das pessoas, são descritos de maneira didática, cômica ou dramática. Acrescentam-se ainda o humor, as anedotas sobre vida dos colonos, muitas vezes no dialeto de cada grupo étnico. Giram elas em torno do armazém, da "venda", e as caricaturas de brasileiros incluem a prole numerosa, os negros que falam dialeto alemão, a esperteza dos colonos e o baixo nível cultural dos luso-brasileiros.

O fátual é muito valorizado, pois age mais na mente das pessoas, uma vez que

escritor e leitor conhecem previamente o assunto.

Esses personagens aparecem igualmente no teatro, cultivado em palcos das colônias, em suas associações e escolas, muitas vezes apresentando peças de produção própria, de autores como P. Ambros Schupp, Maria Faulhaber, C. F. Niederhut e Erich Fausel.

(Da Dissertação de Mestrado: "**Saudade e Esperança — O Dualismo do Imigrante alemão refletido em sua Literatura**").

REGISTROS DE TOMBO DE PORTO BELO (I)

Pe. Antônio Francisco Bohn

(Continuação)

ANO DE 1901 :

Nº. 1: Carta Pastoral que trata do Santo Jubileu, em 26.01.

Nº. 2: Carta Pastoral que trata da Promulgação das Atas e Decretos do Concílio Plenário Americano-Latino, em 24.07.

Nº. 3: Circular que trata de faculdades concedidas pela Santa Sé, em 02.10.

Nº. 4: Provisão de nomeação do Pe. José Sundrup, como coadjutor de Porto Belo, em 23.11.

Nº. 5: Provisão de nova nomeação do Pe. Antônio Eising, como vigário encarregado de Porto Belo, em 30.11.

Nº. 6: Circular do Bispo sobre a administração do jornal "Estrela", em 17.12.

Nº. 7: Circular que trata dos Estatutos da Irmandade de Santo Antônio, em 24.12.

Nº. 8: Circular sobre o Breve de Leão XIII concedendo indulgências e o trabalho dos missionários da Congregação da Missão, em 27.12.

Nº. 9: Carta Coletiva dos Bispos da Província Meridional do Brasil, em 12.11.

ANOS DE 1902 a 1907 :

Nº. 1: Mandamento ordenando algumas obras de piedade em homenagem ao Jubileu Pontifício do Papa Leão XIII, em 10.02.

Nº. 2: Provimento da visita pastoral de Dom Duarte Leopoldo e Silva, bispo de Curitiba a Porto Bello, em 11.08.1905.

Nº. 3: Depoimento do Pe. Ernesto Consoni sobre a Paróquia de Porto Belo, em 25.12.1905.

Nº. 4: Provisão de exoneração do Pe. Ernesto Consoni como vigário encomendado das Paróquias de Porto Belo e Camboriú, em 22.11.1906.

Nomeação do vigário de Tijucas também para Porto Belo, em 10.10.1907.

Nº. 5: Provisão para o novo conselho paroquial de Porto Belo, em 01.01.1907.

Nº. 6: Governo do bispado de Curitiba entregue a um conselho de sacerdotes (sem data).

Nº. 7: Circular do Sr. Bispo sobre orações supersticiosas do povo (sem data).

Nº. 8: Mandamento do Sr. Bispo sobre diversos assuntos (sem data).

Nº. 9: Circular nº. 17 sobre o re-

gulamento das fábricas (sem data).

Nº. 10: Circular nº. 18 sobre a imprensa e jornal "Estrela" (sem data).

Nº. 11: Circular nº. 19 sobre diversos assuntos (sem data).

Nº. 12: Relatório sobre o movimento religioso na diocese de Curitiba (sem data).

Nº. 13: Comunicado de supressão de palavras do art. 2º. das faculdades extraordinárias aos párocos (sem data).

Nº. 14: Circular nº. 20 sobre lista dos consagrados ao Sagrado Coração de Jesus (sem data).

Nº. 15: Carta do Sr. Bispo informando da morte de Dom José de Camargo Barros (sem data).

ANO DE 1908 :

Nº. 1: Provisão do Sr. Bispo ao vigário de Tijucas para que assuma a Paróquia de Porto Belo, em 01.01.

Nº. 2: Provisão do Conselho Paroquial de Porto Belo, em 01.01.

Nº. 3: Circular do Sr. Bispo infor-

mando sobre a construção de um monumento em homenagem de Dom José de Camargo Barros na catedral de Curitiba, (sem data).

Nº. 4: Boletim Eclesiástico nº. 10 sobre o matrimônio religioso e civil (sem data).

Nº. 5: Mandamento nº. 7 sobre diversos assuntos internos, em 21.01.

Nº. 6: Provisão em favor do Pe. João Batista Maisen, em 10.01.

Nº. 7: Missões na matriz de Porto Belo pregadas por Pe. Fr. Burchardo Sasse, de 15 a 22 de março.

Nº. 8: Carta de despedida de Dom Duarte (sem data).

Nº. 9: Licença de férias ao pároco de Porto Belo e provisão ao Pe. Luís Mayano, vigário de Urussanga para substituí-lo, em 16.05.1907.

Nº. 10: Termo de afastamento do pároco Pe. Ludovicø Cöccolo, em 27.06.1907.

Nº. 11: Termo de regresso do pároco Pe. Ludovico Coccolo, em 25.12.1907.

ACONTECEU...

OUTUBRO DE 1993

— DIA 1º. — A imprensa (JSC) destaca o grande acontecimento do dia anterior — o lançamento da telefonia celular em Blumenau, Joinville e Grande Florianópolis. *** O Shopping Center Neumarkt, solenemente inaugurado na noite anterior, abriu suas portas ao primeiro dia de visitas à população, que lotou, durante todo o dia, suas dependências, causando a melhor das impressões pela sua moderna organização. *** Pesquisa feita pela Associação de Dirigentes de Vendas e Marketing de Santa Catarina, indica que a Hering é a empresa reconhecida pelo consumidor como a marca catarinense mais importante. *** Em Florianópolis foi sepultado o corpo de Dom Afonso Niehues, arcebispo de Santa Catarina, falecido no dia anterior, com 79 anos de idade e cujo acontecimento consternou toda a população católica catarinense. *** Em virtude das chuvas caídas na cidade, o desfile de abertura da 10ª. Oktoberfest foi transferido para este dia, lotando as laterais da Rua 15 de Novembro a grande massa popular, em toda a extensão percorrida pelos carros alegóricos e grupos folclóricos. *** Em Brusque, foi oficialmente aberta a Fenarreco, cujo desfile foi mais um sucesso de público presente.

— DIA 2 — No Mausoléu Dr. Blumenau, foi aberta uma exposição de orquídeas, pelo Circulo de Orquidófilos de Blumenau, como mais uma opção de visita aos milhares de turistas que chegaram para conhecer ou rever a Oktoberfest. *** Cerca de 2.400 pessoas, entre crianças, adolescentes e adultos, participaram, do 1º. Passeio Ciclístico da Primavera, pedalando com entusiasmo os 12 quilômetros do roteiro. *** Chegou a Blumenau o cantor alemão Freddy Quinn, contratado especialmente para cantar nas noites festivas da nova e permanente atração blumenauense — Celeiro do Vale. Junto com o cantor chegou também a banda musical "Bayerwald Musikanten", integrada por 8 componentes.

— DIA 3 — Como parte da programação "Eventos Culturais Itaú", os solistas da Orquestra de Câmara de Blumenau realizaram mais um concerto no Teatro Carlos Gomes, às 19 horas, com interpretação de peças de Bach, Haydn e Mozart. *** As 21 horas, no espaço alternativo do Teatro Carlos Gomes, outro espetáculo foi realizado: O Grupo Inspiração Ação apresentou a peça do gaúcho Ivo Bender "Cartas Marcadas", com a introdução, ainda de algumas cenas de "Romeu e Julieta", de William Shakespeare. *** Faleceu, no Rio, o ator Wilson Grey.

— DIA 5 — No Teatro Carlos Gomes, apresentou-se às 21 horas, o grupo paulista "Cisne Negro Cia. de Danças", um dos maiores espetáculos de danças do país. Com entrada franca, o espetáculo foi patrocinado pelo BANESPA — Banco do Estado de São Paulo. *** Foi inaugurada, no saquão da FURB, a exposição de pinturas da artista plástica Bernardete Bazzanella de Araújo, de Rio do Sul. *** 160 crianças estiveram presentes na abertura oficial do projeto Criança Feliz, cuja cerimônia foi realizada pela manhã, no sub-solo da Prefeitura. *** Um incêndio na noite anterior, destruiu completamente a malharia e estampanaria "Casa de Santa Catarina", localizada no bairro Salto Weissbach. O estabelecimento pertencia a Pedro Cascaes. *** Com muita festa, música, chopp e alegria, foi finalmente aberto o novo centro de compras e diversões "Celeiro do Vale", localizado em Salto do Norte. *** O deputado catarinense Dejandir Dalpasquale foi confirmado como o quarto Ministro da Agricultura no governo Itamar Franco.

— DIA 6 — Pelotão feminino de policiais da capital do Estado, chegaram a Blumenau para reforçar o policiamento das ruas centrais da cidade durante a Oktoberfest.

— DIA 7 — Em reunião realizada, o Clube de Diretores Lojistas de Blumenau decidiu reformular seus estatutos para a admissão dos grandes empreendimentos comerciais — shoppings e outlet centers. *** Foram inaugurados os dois cinemas no Shopping Center Neumarkt — o Blumenau Cine Shopping 1 e o Blumenau Shopping II, o primeiro com capacidade para 400 pessoas e o segundo com capacidade para 300. *** O Rotary Club de Blumenau comemorou a passagem de seu 50º aniversário de instalação.

— DIA 8 — Com destino a vários países da Ásia, viajou o Governador Vilson Pedro Kleinubing, objetivando fazer contatos com empresários e lideranças políticas dos países a serem visitados. *** A enxadrista blumenauense Regina Ribeiro venceu o Las Vegas Open, nos Estados Unidos, melhorando suas possibilidades para participar na Olimpíada na Grécia.

— DIA 9 — Um incêndio na primeira hora desta madrugada destruiu completamente a casa de Paulo Zancanella, na rua Adriano Curi, bairro da Velha.

— DIA 13 — Em cerimônia simples, em Brasília, o deputado Dejandir Dalpasquale, foi empossado pelo Presidente Itamar Franco, na função de Ministro da Agricultura. O ato deu-se no gabinete presidencial. *** Com um vasto programa comemorativo, o município de Porto Belo iniciou neste dia os festejos pela passagem de seus 161 anos de fundação. Esta, portanto, ocorreu a 13 de outubro de 1832. Segundo a história, o primeiro habitante daquela região, chegou no ano de 1706. A população fixa do município, na atualidade, é de 7.099 habitantes e, na temporada de verão, atinge cerca de 100 mil.

— DIA 15 — Em Joacaba, a representação juvenil de Blumenau conquistou o título de campeã dos Juguinhos Estudantis, com a obtenção de 28 medalhas de ouro, 22 de prata, 15 de bronze, num total de 65, cabendo o segundo lugar a Joacaba e o terceiro a Joinville. *** Foi inaugurada, pelo SESI, no complexo "Bernardo Werner", da rua Itajaí, uma Creche modelo, que passou a servir todo o bairro Vorstadt. O ato oficial de inauguração foi presidido pelo representante da direção regional do SESI vereador Hasso Rolf Mueller, juntamente com o Secretário de Educação do Município, Maurício Nascimento.

— DIA 17 — Ao encerramento da 10ª. Oktoberfest, foram registrados os seguintes números estatísticos: passaram pela PROEB, 853 mil pessoas. Foram consu-

midos 406.814 litros de chopp. Entraram na cidade, 1.100 ônibus. Estiveram presentes na animação, 36 bandas. Pela hospedagem alternativa, passaram 3.000 pessoas. Foram distribuídos três milhões, oitocentos e noventa e sete mil brindes. Com a organização da festa, foram aplicados 1,2 milhões de dólares. *** O Grupo Alemão de Hassel-felde encerrou sua temporada em Blumenau, apresentado-se no Centro Cultural 25 de Julho na noite anterior.

— DIA 19 — Foi aberta no Departamento de Cultura da Fundação "Casa Dr. Blumenau", a mostra individual de pintura de Luciano Costa Pereira, artista paulista radicado há muitos anos em Joinville. *** No Saint Peter Residence, foi instalada a exposição do professor Arian Grasmück, promovida pela Casa da Arte, contando com obras de 12 artistas.

— DIA 20 — Às 14 horas, tiveram início os trabalhos nas obras da rede de esgoto, a cargo do SAMAE, na rua Amazonas, bairro Garcia. *** A cantora Marlene e o compositor Carlinhos Vergueiro, apresentaram-se no Teatro Carlos Gomes, com música popular brasileira, dentro do Projeto Pixinguinha.

— DIA 21 — Numa promoção do Departamento de Cultura da Fundação "Casa Dr. Blumenau", realizou-se, no Teatro Carlos Gomes, o espetáculo "Preto e Branco", um show de sapateado com música ao vivo, pelos dançarinos Steven Harper e Maurício Silva, com a música cadenciada por David Ganc (sax e flauta) e Oscar Pellon (bateria e pandeiro). *** No saguão da FURB, foi aberta, às 20 horas a exposição "Lições de Arte" — obras confeccionadas com papel reciclado — feitas pelas 26 alunas do 2º. e 3º. semestres do Curso de Educação Artística da Universidade. O trabalho teve a supervisão da profª. Marilene Schramm.

— DIA 22 — A imprensa (JSC) dá destaque ao fato de que o Aeroporto "Que-ro-Quero" foi municipalizado, passando a ser administrado pelo SETERB. *** Um mandado de despejo encerrou quase noventa anos de história do Cine Busch, cujas salas foram totalmente desocupadas. *** Embarcaram para a Europa os integrantes da Orquestra de Câmara de Blumenau. *** No Teatro Carlos Gomes apresentaram-se a solista Elisa Fukuda e o pianista Giuliano Montini. A apresentação integra a Rede Nacional de Música e faz parte da Fundação Nacional de Artes.

— DIA 26 — Relatório divulgado pela imprensa e fornecido pelos responsáveis pela vacinação em Blumenau, informam que foram vacinadas no município 22.322 crianças, atingindo 98,2% das crianças existentes. Adianta ainda que no Vale do Itajaí, as metas foram alcançadas. *** No saguão da FURB foi aberta solenidade de lançamento do livro do professor italiano Fausto Marioni, de 71 anos " A Força da Sobrevivência. *** Chegou a Blumenau o cineasta Sylvio Back, para acertar detalhes relativos ao filme que vai produzir "Ahoj Blumenau, sobre o fundador da cidade, Hermann Bruno Otto Blumenau. *** Na Galeria Municipal de Artes, da Fundação "Casa Dr. Blumenau", foi aberta, às 20:30 horas a exposição do artista plástico Costa Pereira. *** No hall da entrada da Biblioteca Universitária da UFSC, aconteceu a solenidade de lançamento do livro Biblioteconomia, Educação e Sociedade de autoria do Prof. Francisco das Chagas de Souza. O acontecimento fez parte da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca.

— DIA 27 — No Museu Histórico de Santa Catarina, efetuou-se, o coquetel de lançamento da Oitava Feira do Livro, de Florianópolis, sendo homenageados, na oportunidade, o Patrono da Feira, escritor Flávio José Cardozo e o sr. Paulo Heinrich Koenig, com o Mérito Livreiro 93. *** Um simpósio foi instalado no Teatro Carlos Gomes, pelo SESI e a FIESC, com o apoio da FURB, para debater o papel da empresa no controle do vírus da AIDS.

— DIA 28 — Na PROEB, reuniram-se pessoas idosas de todo o Vale do Itajaí para uma confraternização pela passagem do Dia do Idoso. *** O Banco Central lançou a nota de CR\$ 5 mil cruzeiros reais. *** A imprensa noticia o falecimento (dia anterior) de Mathilde Angelina Junkes, que, durante várias décadas serviu no setor de enfermagem ao Hospital Santa Isabel e era muito conhecida e estimada

pela comunidade Blumenauense. *** No palco do Teatro Carlos Gomes, reuniram-se as Bandas de Música do 23º. BI de Blumenau, 62º. BI de Joinville e 63º. BI de Florianópolis, para o 7º. Encontro de Bandas, proporcionando mais um belo espetáculo musical.

— DIA 29 — Na Câmara Municipal de Vereadores realizou-se ato solene de entrega de título de Cidadão Blumenauense, homenagem conferida ao Profº. Wilson Alves Pessoa, Woldemar Kinas e Edith Kormann. *** No Bar Criado apresentaram-se os integrantes do grupo musical Paus e Cordas, composto por quatro membros. *** No Teatro Carlos Gomes estreou a peça infantil Super Verde, da Companhia de Teatro Turma do Ozório. *** Na Escola Barão do Rio Branco, através do Centro Cívico Paulo Fritzsche, aconteceu, às 20:30 horas, em seu auditório, o coquetel de abertura da exposição de artes plásticas de seus professores e ex-professores, alunos e ex-alunos: "Barão Vive a Arte". Na ocasião, o poeta Lindolf Bell autografou algumas de suas obras e lançou outras, como Corpoemas e Selapoesias. A Profª. Ilse Schmider foi a aplaudida anfitriã. Na ocasião, ainda, o Departamento de Educação Artística da escola apresentou trabalhos de alunos da 7ª. e 8ª. séries referentes ao concurso de desenho: "Flagrantes de Blumenau. *** No Hospital Santa Catarina foi instalado o Primeiro Encontro de Ecocardiografia que teve como um dos palestrantes o Profº. Antonio Barbató, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e do Hospital das Clínicas.

GENEALOGIA DA FAMÍLIA SCHMIDT ou SCHMITT

Pedro Ernesto da Silva

(Continuação)

- (f) Valentim Theiss e Gertrudes Goedert,
(f) Jacó Goedert e Ana Maria Schwartz.
N1-10 **Gertrudes (Humbertina) Albertina Schramm**, n. 17-3-1865, bat. Gaspar, f. 75, R. 388 (40V-90),
(f) João Schramm e Felícia Theiss.
N2-11 **Francisco Afonso Maria Schramm**, n. 17-2-1867, bat. Gaspar, f. 117, R. 592 (41-91),
(f) João Schramm e Felícia Theiss.
N3-12 **Maria Gertrudes Schramm**, n. 20-7-1873, bat. Gaspar, L. II B, f. 94, N. 13 (41V-92),
(f) João Schramm e Felícia Theiss.
N4-13 **Frederico José Schramm**, n. 21-7-1875, bat. Gaspar L. 1, f. 42 (41V-94),
(f) João Schramm e Felícia Theiss (Nat. Itajaí).
N5-14 **Amália Maria Schramm**, n. 18-11-1874, bat. Gaspar L. 1, f. 92 (42-95),
(f) João Schramm e Felícia Theiss.
N6-15 **Isabel Maria Schramm**, n. 29-11-1879, bat. Gaspar L. 1, f. 146, N. 162 (42V-96),
(f) João Schramm e Felícia Theiss.
N7-16 **José Francisco Schramm**, n. 17-6-1882, bat. Gaspar, L. II B, f. 7, N. 78 (42V-97),
(f) João Schramm e Felícia Theiss.
N8-17 **Pedro Schramm**, n. 22-5-1890, bat. Gaspar, L. 3, f. 145, N. 94 (43-98),
(f) João Schramm e Felícia Theiss.
(n/p) Frederico Guilherme Schramm e Gertrudes Kemperdick,
(n/m) Valentim Theiss e Gertrudes Goedert,
(f) Jacó Goedert e Ana Maria Schwartz.
F-3-3 **Maria Ana Theiss** — não consta marido.
(f) João Reitz e Catarina Klein,

(n/m) Valentim Theiss e Gertrudes Goedert,

(f) Jacó Goedert e Ana Maria Schwartz.

N1-18 **João Theiss**, n. 14-1-1874, bat. Gaspar, L. Supl. F. 20 (44V-102),

(f) Maria Ana Theiss,

(n/p) João Reitz e Catarina Klein,

(n/m) Valentim Theiss e Gertrudes Goedert.

N2-19 **Felícia Theiss**, n. 14-1-1874, bat. Gaspar L. Supl. F. 20 (44V-103),

(f) Maria Ana Theiss,

(n/p) João Reitz e Catarina Klein,

(n/m) Valentim Theiss e Gertrudes Goedert.

F4-4 **Cristiano Theiss**,

(cc) Luiza Bretzke,

(f) Agostinho Bretzke e Carolina Marezki,

(f) Valentim Theiss e Gertrudes Goedert,

(f) Jacó Goedert e Ana Maria Schwartz.

N1-20 **Francisco Frederico Carlos Theiss**, bat. Gaspar, L. 1, f. 55 (45-104) em 14-5-1876,

(f) Cristiano Theiss e Luiza Bretzke,

(n/p) Valentim Theiss e Gertrudes Goedert,

(n/m) Agostinho Bretzke e Carolina Marezki,

N2-21 **Gertrudes Theis**, n. 23-10-1879, bat. Gaspar 15-11-1879 (143-147),

(f) Cristiano Theiss e Luiza Bretzke.

N3-22 **Carolina Theiss**, n. 22-8-1881, bat. Gaspar 8-10-1881 (189-109),

(f) Cristiano Theiss e Luiza Bretzke.

N4-23 **João Theiss**, n. 11-1-1883, bat. Gaspar L. II B, f. 22, N. 11 (45V-106)

(f) Cristiano Theiss e Luiza Bretzke.

N5-24 **Leopoldo Theiss**, n. 13-9-1889,

(f) Cristiano Theiss e Luiza Bretzke.

N6-25 **Bernardo Theiss**, n. 5-12-1887, bat. Gaspar, L. 4, f. 3, N. 126 (46V-108).

(f) Cristiano Theiss e Luiza Bretzke.

N7-26 **Ana Catarina Theiss**, n. 3-3-1892, bat. Gaspar, L. 4, f. 55, N. 67 (46V-109),

(f) Cristiano Theiss e Luiza Bretzke,

(n/p) Valentim Theiss e Gertrudes Goedert,

(n/m) Agostinho Bretzke e Carolina Marezki.

F5-5 **Francisco Theiss**,

(f) Valentim Theiss e Gertrudes Goedert,

(cc) Margarida Zimmermann,

(f) João Zimmermann e Margarida Haendchen.

N1-27 **José Cristiano Theiss**, n. 13-4-1892, bat. Gaspar, L. 4, f. 59, N. 92 (47-110),

(f) Francisco Theiss e Margarida Zimmermann,

(n/p) Valentim Theiss e Gertrudes Goedert,

(n/m) João Zimmermann e Margarida Haendchen.

FIM

II RAMO

A Família Goedert, localizou-se em São Pedro de Alcântara defronte o salto, no outro lado do rio.

A Família Schmidt, ocupou a data do Salto, defronte os Goedert.

Quando Catarina e Margarida ficaram viúvas, com filhos, casaram-se com João Jacó Goedert e Frederico Goedert, respectivamente, cumprindo-se o adágio popular: "Case tua filha com o filho do teu vizinho".

Depois mudaram-se para Santa Isabel.

João Jacó voltou para São Pedro de Alcântara.

Frederico mudou-se para o município de Gaspar, onde já estaria a irmã Gertrudes(cc) Valentim Theiss, onde se encontra o registro de batismo de seus filhos, na Paróquia de São Pedro Apóstolo.

Primeiro casamento de Catarina Schmidt (f) João Pedro Schmidt, n. 1823 em Brohl, Alemanha, com João Firmino Martendal, n. 1817 (f) João Martendal (2º.), n. 1776, Alemanha. (cc) Catarina Normann, n. 1781, com 2 filhos.

F1-1 Nicolau Martendal, n. 15-9-1836, bat. 4-12-1836, SJ f. 95V.

F-2-2 João Firmino Martendal, n. 25-8-1843, bat. SJ a 4-12-1843, f. 322V,

(f) João Firmino Martendal, n. 1817 e Catarina Schmidt, n. 1823,

- (n/p) João Martendal (2º.) n. 1776 e Maria Catarina Normann, n. 1781,
 (n/m) João Pedro Schmidt, n. 8-9-1791, Brohl e Maria Madalena Wirschem,
 n. 1792,
 (b/m) Henrique Schmidt, II, n. 1754, Brohl e Catarina Kirst, n. 1759, Lütz, Alemanha,
 (t/m) Henrique Schmidt, I, 1718, Brohl, Alemanha e Maria Madalena Münch,
 n. 1730 — idem,
 (q/m) Gerhard Schmidt, n. 1670, Brohl, Alemanha e Elisabeth Ternus, Alemanha,
 (p/m) Peter Schmidt, n. 1645, Beningen, Alemanha.
 Em 27-4-1866, São Pedro de Alcântara, João Firmino Martendal,
 (cc) Clara Bins,
 (f) Guilherme Bins e Margarida Kretzer, c/ 8 filhos,
 N1-1 Catarina Martendal, n. 1868.
 N2-2 Adão Martendal, n. 1873. (+) c/69 anos em 21-12-1942.
 (cc) Felisbina Ludwig, c/ 6 filhos.
 N3-3 Pedro Martendal, n. 1875.
 N4-4 Sophia Martendal, n. 1877,
 (cc) João Pedro Petry, c/3 filhos.
 N5-5 Elena Martendal, n. 1878.
 N6-6 Maria Madalena Martendal, n. 1880,
 (cc) João Carlos Trierweiler.
 N7-7 José Martendal, n. 1882.
 N8-8 Bernardo Martendal, n. 1885.
 Com a morte de João Firmino Martendal, Catarina Schmidt casa-se (2ª.) vez
 com João Jacó Goedert, n. 1823, alemão, (f) João Goedert e Ana Maria Schwarz,
 c/ 8 filhos (6 h. e 2 min.).
 F3-1 Jacó Goedert, n. 1845, c/ em 1871,
 (c) Celestina Stehelin. 3
 F-4-2 João Adão Goedert, n. 1847,
 (cc) Maria Bins.
 F5-3 Nicolau Goedert, n. 13-5-1850,
 (cc) Ana Maria Ludwig — 1ª. esposa,
 (cc) Maria Amélia Freiburger — 2ª. esposa.
 F6-4 Pedro Goedert, n. 1854,
 (cc) Margarida Zimmermann.
 F7-5 Francisco Goedert, n. 12-10-1856,
 (cc) Julia Michels.
 F8-6 Maria Goedert,
 (cc) João Reitz.
 F9-7 José Goedert,
 (cc) Celestina Schweitzer.
 F10-8 Maria Madalena (aparece também como Helena) Goedert, n. 6-9-1863,
 (cc) Bernardo Schram (o correto é) Bernardo Francisco Schramm.
 F3-1 Jacó Goedert, n. 1845,
 (f) João Jacó Goedert, n. 1823 e Catarina Schmidt, n. 1823,
 (cc) Celestina Stehelin em 19-8-1871,
 (f) Alfredo Bernardo Stehelin e Maria Madalena München.
 N1-9 Maria Madalena Goedert,
 (cc) Nicolau Schwinden.
 B1-1 Matias Leopoldo Schwinden, bat. C. T. Em 21-8-1893, Taquary pg. 55,
 nº. 100,
 (f) Nicolau Schwinden e Maria Madalena Goedert,
 (n/p) Matias Schwinden e Maria Haas,
 (n/m) Jacó Goedert Jr. e Celestina Stehelin.
 B2-2 Rosalina Schwinden, n. 12-5-1895, Perd. bat. C. T. 27-10-1895, pg. 98-N 158.
 B3-3 Otilia Schwinden, n. 05-1-1897 — Taquary, bat. C. T. 21-1-1897, pg. 80,
 nº. 28.
 B4-4 Apolônia Schwinden, n. 04-10-1898 — Taquary, bat. C. T. 19-10-1898, pg.
 129, nº. 197.
 B5-5 Lydia Schwinden, n. 29-11-1900 — Perd., bat. C. T. 16-3-1901, pg. 17,
 nº. 75.

- B6-6 Arthur Schwinden, n. 13-1-1902 — Taquary, bat. C. T. 22-2-1903, pg. 57, nº. 67.
- N2-10 Franz (Francisco) Koerich,
 (f) Michael (Miguel) Koerich e Emilia Beling, em 22-10-1892 cas. Teresópolis —
 Perd., (cc) Catarina Goedert, n. 09-2-1892 — R. C., Ang. (42-2))
 (f) Jacó Goedert Jr. e Celestina Stehelin.
 B1-7 Arnold Koerich, n. 1894,
 (f) Francisco Koerich e Catarina Goedert, em 02-4-1-1921, cas. Ang. pg. 30-28,
 (cc) Veronica Kahl.
 B2-8 Norberto Koerich, n. 1898, em 02-4-1921, cas. Ang. pg. 30-29,
 (cc) Veronica Kreuzsch.
 B3-9 Leopoldo Kreuzsch, n. 1895, em 20-4-1918, cas. Ang. (28V-17),
 (f) Gaspar Kreuzsch e Ana Alflen (Perdidas),
 (cc) Apolonia Koerich, n. 1901,
 (f) Francisco Miguel Koerich e Catarina Goedert.
 B4-10 Isidoro Koerich, n. 04-4-1903, bat. C. T. 16-5-1903, pg. 60, nº. 111 - Perd.,
 (f) Francisco Koerich e Catarina Goedert.
 B5-11 João Inácio da Silva, n. 1898,
 (f) Inácio José da Silva e Catarina Wist., em 16-2-1924 cas. Ang. (31V-38),
 (cc) Maria Angelina Koerich,
 (f) Francisco Miguel Koerich e Catarina Goedert.
 B6-12 João Humberto Koerich, n. 1908,
 (f) Francisco Koerich e Catarina Goedert, em 23-9-1933, cas. Ang. (38-84),
 (cc) Maria Nekel, n. 1917,
 (f) Pedro Nekel e Luise May.
 B7-13 Nicolau José Martins, n. 1913,
 (f) José Bernardo Martins de Andrade e Marcolina Rosa de Jesus, em
 26-11-1932, cas. Ang. (37V-80),
 (cc) Celestina Koerich, n. 1910,
 (f) Francisco Miguel Koerich e Catarina Goedert.
 B8-14 Júlio Inácio da Silva, n. 1904,
 (f) Inácio da Silva e Firmina Deolinda de Jesus, em 15-6-1929, cas. Ang.
 (34V-60),
 (cc) Emilia Koerich, n. 1913,
 (f) Francisco Miguel Koerich e Catarina Goedert.
 B9-15 Adolfo Francisco Koerich, n. 22-4-1916,
 (f) Francisco Miguel Koerich e Catarina Goedert, em 23-6-1938, cas. Ang.
 (40V-102),
 (cc) Olivia Book, n. 1917,
 (f) Theodoro Back e Ana Bepler.
 B10-16 José Koerich (Fatura), n. 26-8-1919, bat. Ang. 23-10-1919 (18-86),
 (f) Francisco Miguel Koerich e Catarina Goedert.
 N3-11 Jacó Alfredo Goedert,
 (f) Jacó Goedert e Celestina Stehelin,
 (cc) Margarida Kammers.
 B1-17 Francisco Goedert (Barra Clara),
 (f) Jacó Alfredo Goedert e Margarida Kammers,
 (cc) Filomena Gilz.
 T1-1 Ernestina Goedert — Norberto Melo.
 T2-2 Waldemiro Goedert — Olga Thiesen.
 T3-3 Ermelinda Goedert — João Pereira.
 T4-4 Walmor Goedert — Aci Reinert.
 T5-5 Wilberto Goedert — Aura de Souza.
 T6-6 Erondina Goedert — Gervásio Krestzer.
 T7-7 Waldir Goedert — Maria Adriano.
 T8-8 Wilmar Goedert — Maria Rubick.
 T9-9 Wenceslau J. Goedert — Clara de Oliveira.
 T10-10 Valério Goedert, solt.
 T11-11 Walter Mauricio Goedert, solt., sacerdote, sup. J A T — Florianópolis
 B2-18 Armando Goedert — Maria Schütz.
 B3-19 Ursula Goedert, solt.
 B4-20 Romão Goedert (Taquaras) — Blondina Scherer.

- T1-12 Antonio Ari Goedert (P. A. — R. S.) n., 12-9-1932, — Marli Piceto, c/ 4 f.
 T2-13 Ilse Goedert, n. 08-4-1931, B. R.,
 (cc) Hercilio Pedro Bunn,
 (f) Romão Goedert e Blondina Scherer.
 Q1-1 Heloisa Helena Bunn, n. 12-1-1952, — Pedro Lino Machado, c/ 2 f.
 Q2-2 Hercilio Pedro Bunn Jr., n. 23-11-1953 (+).
 Q3-3 Cristóvão Sérgio Bunn, n. 14-4-1956, — Hesilda Martins, c/ 2 f.
 Q4-4 Maria Goretti Bunn, n. 17-11-1962, — Eduardo Luis Zomer, c/ 1 f.
 T3-14 Nilsa Goedert — Cyro Marques Nunes, c/ 4 f.
 T4-15 Amauri José Goedert (+), c/ 2 f., — Maria do Carmo Freitas.
 T5-16 Inete Teresinha Goedert (39 a. em 13-3-1991), — Américo Wagner, c/ 3 f.
 T6-17 Maria Salete Goedert, — Nicanor Bueno, c/ 2 f.
 B5-21 Silvestre Goedert, solt.
 B6-22 Leocadia Goedert, n. 1910, em 17-7-1937 casa-se em Ang., pg. 40-100
 com Laudelino Seman, n. 1910,
 (f) Guilherme Seman e Francisca Garcia Rech.
 B7-23 Fridolino Goedert, solt.
 B8-24 Martin Goedert — Olga Probst.
 B9-25 Cecilia Goedert, (Boiteauxburgo) n. 1916 cas. Ang. 30-7-1932, (37-77),
 Benedito Jasper, n. 1906.
 B10-26 Leo Goedert, n. 13-7-1902, Perd., bat. 6T, 3-10-1902, (75V-12) (19), —
 Otilia Schmitz, em 06-6-1928, em Ang., (33V-5)2.
 N4-12 João Francisco Goedert,
 (f) Jacó Goedert e Celestina Stehelin,
 (cc) Catarina Bunn.
 B1-27 Clara Goedert, n. 08-8-1907, B. R., c/ 2 f.,
 (cc) Nicolau Goedert, n. 1905 R. C., (46V-52),
 (f) Nicolau Goedert e Carlota Schuch,
 (n/p) Nicolau Guakert e Catarina May.
 T1-18 Irineu Guakert,
 (f) Nicolau Guakert e Clara Goedert,
 (n/m) João Francisco Goedert e Catarina Bunn,
 (b/m) Jacó Goedert e Celestina Stehelin,
 (cc) Paulina Beirão, B. R., c/ 3 f.
 T2-19 Ilma Goedert, c. 6 f., — Washington Vieira da Cruz.
 B2-28 Maria Goedert, n. 01-10-1904, B. R., (cc) 01-10-1924,
 (cc) Clemente Gorges Matias, c/ 5 f., n. 1892,
 (f) Matias Gorges e Ana Sens,
 (n/p) Matias Gorges e Gertrude Kuhnen
 T1-20 Maria Gorges, solt., Lages.
 T2-21 Pedro Gorges, c/ 2 vezes, n. 19-1-1932, 1ª. Teresinha Goedert, S. A.,
 2ª. Rosa Jocuk c/ 5 filhos, 20-4-1940, [5V], nº. 52.
 T3-22 José Leonardo Gorges — Lages
 (cc) Teresinha Koerich, c/ 9 f.
 T4-23 Paulo Gorges — Lages — Teresinha Cláudia da Silva.
 T5-24 Julieta Gorges — Lages — Vva. de Frankliano — 2ª vez Clemente Matias
 Gorges,
 (cc) Ernestina Coelho c/ 4 f.
 B3-29 Alberto João Goedert, B. R., n. 04-5-1906, R. C. Ang. (45V-42),
 (cc) Alcidumira da Silva.
 B4-30 João Goedert, R. Tob., B. R., c/ 5 f.,
 (cc) Augusta Dela Justina.
 T1-25 Cecilia Goedert, vva., SAI.
 T2-26 José Goedert, B. R., — Neide Simoneti.
 T3-27 Evaldo Goedert, B. R., — Salete Neketi.
 T4-28 Arno Goedert, solt.
 T5-29 Marlene Goedert, B. R., — José Menegasi.
 B5-31 Avelino João Goedert, B. R., n. 02-9-1911, R. C. Aug., (85-112), bat.
 15-10-1911, pg. 11V-8.

(Continua)

À ANTIGA EMPRESA GRÁFICA NIETZSCHE & HOEMPKE

José Gonçalves

Com o encerramento das atividades industriais, em Blumenau, da Imprensa Paranaense, ocorrendo neste fim de ano de 1993, vem à minha memória os idos da década de 1930 (para ser mais exato, 1934 a 1936), quando naquele mesmo local existia a Empresa Gráfica Nietzsche & Hoempke. Naquele ano de 1934, cheguei a Blumenau, junto com minha família, contando eu 15 anos de idade e procedente da localidade de Diamante, isto no primeiro trimestre. É que meu pai Luiz Alípio Gonçalves havia falecido no dia 10 de janeiro do mesmo ano e nossa família resolveu mudar-se para Blumenau.

Quando aqui cheguei, empreguei-me como auxiliar no serviço de lixar peças de madeira na firma de artefatos de madeira de Leonard Schlossmacher, localizada nos fundos da hoje Casa Flamingo. Trabalhei durante seis meses. Mas o serviço sufocava de pó e me fazia muito mal à saúde. Por isso consegui emprego na Empresa Gráfica Nietzsche & Hoempke, através de meu primo Antonio de Oliveira que trabalhava na mesma firma. Comecei como servente, e o meu primeiro e principal trabalho era faxina e entrega de encomendas na cidade transportando os pesados pacotes com carrinho de quatro rodas, que eu puxava pela Rua 15, na qual não havia calçamento e no local onde se encontra hoje a Praça Dr. Blumenau existia um pontilhão de madeira sobre o Ri-

beirão Bom Retiro. Sobre o Ribeirão Garcia havia uma ponte metálica, mais tarde substituída pela atual.

Após alguns meses de trabalho de servente, pratiquei com afinco e aprendi a margear papel nas máquinas litográficas impressoras. Então melhorei de categoria e tornei-me auxiliar de impressor. Nesta atividade permaneci até meados de 1936, quando minha família resolveu transferir-se para Joinville e eu tive que abandonar o emprego. Em Joinville, fui trabalhar no jornal «A Notícia».

Mas, voltando às memórias de minha atividade na gráfica dos srs. Nietzsche e Hoempke, que mais tarde passou para o controle acionário da Imprensa Paranaense, lembro-me bem de alguns companheiros de trabalho, muitos deles ainda vivos nos dias de hoje. Convém assinalar ainda que a Empresa Gráfica Nietzsche & Hoempke, foi, segundo tudo indica, a primeira litografia instalada em Blumenau.

Dentre os companheiros com os quais trabalhei naquela gráfica, estão: Rodolfo Wirth, que ainda vive e é conhecido por «Grilo». O meu chefe de impressão, inicialmente, foi o Koch e mais tarde o sr. Carlos Leschke, creio que ambos já falecidos. O Zequinha Tobias era o margeador na máquina de folha inteira, cujo chefe era o Wirth. O Walter Miesbach era especialista no transporte das figuras

desenhadas para a pedra litográfica. O Antonio Oliveira (já falecido) era impressor no serviço de tipografia. Lembro-me ainda do Wehmuth, que, ao que me informaram ainda vive. Do Norberto Mueller (já falecido), assim como do Harry Hoempke, que também era margeador, do qual fui sempre muito amigo e ele também retribuía esta amizade. Harry também já é falecido.

Fui muito amigo do Willy Nietzsche e de seu irmão Alfredo. Com o Willy joguei futebol na equipe juvenil do Olímpico várias vezes. Havia ainda o Gerd Nietzsche, moço adepto das idéias hitle-ristas e que liderava a atividade da juventude nazista em Blumenau. Quando do surgimento da segunda guerra mundial Gerd viajou para a Alemanha para defender a causa de seu país de origem. Mas, Willy e Alfredo permaneceram no Brasil. Gerd era um rapaz de fino trato, e era agradável para nós, seus amigos, conversar com ele. Também não fazia apologia de suas tendências ideológicas para os que trabalhavam na empresa de seu pai.

Outra figura inesquecível com a qual muito convivemos foi o «Xarope», também um Miesbach. Ele foi um dos melhores e mais velozes jogadores do Olímpico e também do Bom Retiro F. C. Era excelente ponteiro, além de veloz, técnico. E, no trabalho, era um companheiro para todas as horas. Xarope também é falecido.

O ambiente de trabalho naquela gráfica era impecável. Havia muita ordem, disciplina, respeito e harmonia entre os empregados. O chefe geral que comandava to-

da a atividade técnica era o sr. Hoempke. O sr. Nietzsche cuidava dos serviços administrativos gerais.

No setor de desenhos litográficos, trabalhavam, além de outros, o Paulo de Tarso Ramos e o Arthur Mueller irmão de Norberto. Arthur era de baixa estatura e já é falecido.

A Empresa Gráfica Nietzsche & Hoempke, produzia rótulos coloridos para algumas das principais empresas industriais brasileiras. Havia muitos pedidos e o trabalho era intenso. O sistema litográfico era o primitivo, de transportar o desenho para pedras especiais que iam para a máquina impressora. Hoje, o fotolito substituiu aquele sistema e tornou-se mais prático e eficiente, com menos mão-de-obra, além da impressão ser feita em máquinas Off-set, com produção de milhares de impressos por hora, o que não acontecia com aquelas máquinas primitivas, nas quais colocávamos folha por folha, num serviço manual, difícil e cansativo.

Eis aí um pouco de reminiscências da antiga Empresa Gráfica Nietzsche & Hoempke, a antecessora da Impressora Paranaense em Blumenau, por certo a primeira litografia instalada aqui. Com o encerramento das atividades da Impressora Paranaense, desaparecem os vestígios históricos daquela primitiva litografia. Uma das primeiras máquinas fotográficas para fotolitos, de fabricação muito antiga e de valor histórico, acha-se guardada na Fundação «Casa Dr. Blumenau» para servir como mostra num futuro museu da indústria de Blumenau.

NUVENS NEGRAS NO HORIZONTE

Não pretendia voltar ao assunto, mas a pregação separatista continua e não posso silenciar. Embora as pessoas mais conscientes venham se manifestando em contrário, é considerável o número de incautos convencidos pela esdrúxula idéia. Sempre existem pessoas dispostas a acreditar nas coisas mais absurdas. Mas essa é outra história.

Não existe forma jurídica ou legal para dividir o país. Nem plebiscito, nem emenda constitucional, uma vez que a unidade nacional é cláusula pétrea que não pode sequer ser discutida no Congresso. A própria pregação separatista constitui crime, aquele crime outrora chamado de lesa-pátria, colocado entre os mais graves e infamantes.

Os separatistas sabem disso e no entanto prosseguem. É lícito pensar, portanto, que estão dispostos a apelar para a armas e a violência. Pode-se imaginar também que estejam se armando na surdina para uma empreitada desvairada — a guerra de secessão.

Duas coisas poderão então acontecer. A primeira, — mais provável — é que eles serão esmagados pelas Forças Armadas e policiais, depois de muita violência, mortandade, prejuízos e confusões que decorrem de uma guerra. Abortado o plano sinistro, estará assegurada a unidade nacional, mas o ódio se instalará para sempre, deixando marcas profundas nas vítimas e suas famílias. Teremos a partir de então um problema que hoje não existe, e muito grave, o ódio entre brasileiros.

A segunda hipótese, — muito improvável — será a criação pela força de um arremedo de país. Será implantado um governo de força, ditatorial, de índole nazi-fascista, «necessário» para «consolidar» o novo país e promover a «depuração», eliminando os adversários e expulsando os indesejáveis, entre estes os negros e nordestinos, como declararam à imprensa separatistas de Joinville. Dependendo do radicalismo dos que dominarem o poder, a «épuration» poderá ser levada às últimas consequências, aproveitando a ocasião para banir mulatos, índios, judeus, ciganos, homossexuais etc. Como outros que discordam da divisão do país, eu com certeza seria exilado como «subversivo» ou «contrário aos interesses da revolução», para lembrar a linguagem odiosa da ditadura.

Seriam anos de perseguições e barbaridades, com a provável censura da imprensa, até que o novo país caia na realidade.

Com imensa dívida interna e externa (proporcional à do Brasil), dependente do exterior em quase tudo, terá que arcar com despesas fantásticas na instalação de governo e ministérios, justiça e polícia federais, forças armadas, previdência, universidades etc., hoje mantidos pela União. Com a economia destroçada pela guerra, ficará o novo país se batendo como mais uma republiqueta sem eira nem beira, sem futuro e sem esperança.

E então? Qual será a solução?

Não faltarão, como não faltam hoje, os demagogos prontos a inventar novas panacéias. Acusarão um dos Estados, um povo, uma região, uma raça, uma classe e tudo começará outra vez. Surgirão outros separatismos, novas armas, teorias e meias verdades. A violência do poder público e dos particulares estará sempre presente, pois ela sempre foi um alto negócio para alguns. O «espírito de tribo» terá então o ambiente ideal para se manifestar, como tem acontecido em países europeus, e só Deus poderá prever o que acontecerá.

Se essa gente pensasse, abandonaria de pronto essas idéias malucas e iria cuidar da vida, lutando por este Brasil sem similar na história e no mundo para resolver os seus problemas e marchar para a frente uno e grande.

MÁRIO DE ANDRADE

Parece que de tanto a imprensa martelar em nossa conhecida falta de memória as coisas estão mudando para melhor. Exemplo bem animador é o do centenário de Mário de Andrade, festejado em todo o país e de todas as formas possíveis. Em nosso Estado os suplementos «Anexo» e «Diário de Cultura» tiraram números especiais e bem feitos. A UFSC e os Correios lançaram selo comemorativo (também de Alceu Amoroso Lima e Gilka Machado) e a Livraria Alemã organizou um mostruário de obras e artigos sobre o escritor num dos corredores da FURB. Em São Paulo inúmeras publicações e eventos celebraram o líder modernista, entre eles a exposição «Contemporâneos de Mário», no Centro Cultural, que visitei em companhia de escritores e amigos.

EXU

Recebo de Salvador dois números da excelente revista «Exu», publicada pela Fundação Casa Jorge Amado. Na primeira, o tema central é o etnógrafo Pierre Verger, cuja obra é analisada, e traz um encarte com ensaio sobre Oswald de Andrade. Na segunda, alusiva aos oitenta anos de Jorge Amado, a vida do escritor é revelada através de uma consequência fotográfica admirável. É uma revista cultural como poucas e por ela está de parabéns a Bahia de Todos os Santos.

LANÇAMENTOS

Foram lançados no período, em nosso Estado, os seguintes livros: «Viagens com Maura», de Pedro Bertolino; «A alma não encolhe na chuva», de Chandal Meirelles Nasser; «Biblioteconomia, educação e sociedade», de Francisco das Chagas de Souza; «Luz no Jardim», de Janice de Bittencourt Pavan; «Desterro de meus amores», de Francisco José Pereira; «Oswaldo R. Cabral — Páginas de um livro de memórias», de Sara Regina Silveira de Souza. Foi lançada também nova edição do tablóide literário «Univerbo», de Blumenau, contendo poesias e ensaios de vários autores.

EVENTOS

O Instituto Histórico e Geográfico e o Tribunal de Contas promoveram sessão solene para comemorar o centenário do Prof. João Bayer Filho, com exposições e o lançamento do livro «Bayer Filho, a política e o Tribunal de Contas», de Vanderlei Rouver. *** O mesmo IHGSC realizou sessão especial de encerramento do ano acadêmico, celebrando na ocasião o centenário de Huberto Rohden, com palestras, admissão de novos sócios e o lançamento do livro «Álbum de Família», de Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart. *** Realizou-se em Florianópolis a 8ª. Feira do Livro, promovida pela AÇEL, sendo homenageados o escritor Flávio José Cardozo e o livreiro Paulo Henrich Köenig. *** Foi eleita a nova diretoria do IHGSC, para o biênio 1993/1995, encabeçada por Walter Fernando Piazza como presidente. *** O Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis — Sinergia, está distribuindo para entidades culturais exemplares do livro «Conto & Poesia», contendo os trabalhos premiados em seu primeiro concurso. Pedidos à Rua Lacerda Coutinho, 149.

O significado do nome das cidades catarinenses oriundo da língua Tupi-Guarani

Por gentileza do nosso amigo e leitor Carlos Ubiratan Jatáhy vamos apresentar uma relação de nomes de cidades catarinenses e outros, e sua tradução da língua Tupi-Guarani, e que foi extraído do Dicionário impresso em Leipzig, Alemanha, em 1967 — Glossário Alemão Tupi-Guarani — de autoria de Píndaro Tasso Jatáhy e o de autoria de Teodoro Sampaio, editado em 1928 — "O Tupi na Geographia Nacional — Bahia" :

APIÚNA = Caminho preto, escuro
ARAÇATUBA = araçá em abundância
ARARANGUÁ = barulho dos papagaios
BABITONGA = sinal vermelho
BAEPENDY = pertence a ti
BATURITÉ = o nadador verdadeiro — pássaro do pântano
BIGUAÇU = pé redondo grande
BOTUVERÁ = montanha brilhante
CAACUPÊ = detrás da mata
CAAPORA = o morador do mato

CABIUNA = a folha escura, a madeira preta
CAMBORIÚ = camby=leite, iri=mel, u=agua
CAPIVARY = rio das capivaras
CATANDUVA = abundância de cerrados
CAPUTERA = o meio da mata
CAPOEIRA = o mato extinto
CHAPECÓ = de onde se avista o caminho da roça
CORUPÁ = paradeiro de cascalhos
CUBATÃO = a vespa dura
CUNHA PORÁ = mulher bonita
CUNHAÚ = a mulher negra
GAROPABA = porto das canoas
GRAVATAÍ = rio dos gravatás
GUABIRUBA = fruto que trava
GUARACIABA = cabelos louros
GUARAMIRIM = garça pequena, cachorro pequeno
GUARAMIRANGA = garça vermelha
GUARUJÁ = viveiro dos peixes guarú = barrigudinho

IBICUI = a areia	MOEMA = a desfalecida
IBIRAMA = a terra que há de ser	MONDAI = rio das armadilhas
IMARUF = rio dos mosquitos	PARAGUASSÚ = água grande
IMBITUBA = local da árvore que dá de beber	PARAGUAY = rio dos papagaios
INDAIAL = o que sobressai — uma palmeira	PIRAHY = peixe pequeno
IPIRA = rio do peixe	PIRATUBA = peixe em abundância
IPIRANGA = rio vermelho	TANGARÁ = o pulador
IPORA = rio bonito	TIJUCAS = lamaçal
IPUMIRIM = fonte pequena	SAGUASSÚ = olho grande
ITACOLOMY = menino da pedra — gêmeos	SANGA = o alagado
ITAIPAVA = pouso do pedregulho	TABAJARA = os moradores das aldeias
ITAJAÍ = rio pedregoso	TIMBÓ = o bafo
ITAJUBÁ = pedra amarela	TIRIBA = pequeno papagaio
ITAPEMA = pedra chata	TORORÓ = a enxurrada
ITAPOCÚ = pedra comprida	TUPI = a pai supremo, o primitivo, o progenitor
ITAPORANGA = pedra bonita	TUPINIQUIM = os colaterais dos tupis
ITUPORANGA = salto bonito	UBATUBA = sítio das canoas
JAGUARUNA = onça preta	URUBU = ave negra
JARAGUÁ = vale do senhor	URUGUAY = rio dos caracóis, rio dos papagaios
MARACAJÁ = gato do mato	URUPEMA = o cesto enquadado
MAMBITUBA = brejal das cobras	URUSSANGA = água fria
MASSARANDUBA = a árvore de escorrego	UBIRATAN = pau-ferro
	JATAHY = árvore de fruto duro

OS ERVATEIROS DE JOINVILLE

Antônio Roberto Nascimento
do Instituto Histórico e Geográfico
de Santa Catarina

Em 1877 (1), estabeleceram-se, em Joinville, três engenhos de erva-mate. A iniciativa coube a Antônio Sinke, industrial que veio de Morretes e, já no primeiro ano de funcionamento do engenho, lucrou cerca de cinquenta contos de réis.

Antônio Sink (2), ou Sinke, foi casado com Joaquina do Nascimento, filha de Manoel Ricardo do Nascimento e de sua primeira mulher Maria Caetana de França do Nascimento, neta paterna do Sargento-Mor Antônio Ricardo dos Santos e de sua

segunda mulher Maria da Luz Paraíso (3), e materna do Capitão Bento Gonçalves Cordeiro do Nascimento e de Maria Josefa de França. Manoel Ricardo do Nascimento era major da Guarda Nacional. Antônio Sinke era tenente e nesse posto foi padrinho de Augusto, aos 18.10.1881 (4), nascido aos cinco de julho daquele ano, filho do Dr. Bento Fernandes de Barros (5), juntamente com sua mulher D. Joaquina do Nascimento Sinke. Maria Caetana de França do Nascimento, sua so-

1 — Cf. CARLOS FICKER, A Erva-Mate e a Industrialização de Joinville, in: Blumenau em Cadernos, Tomo VI, n. 2, p. 40.

2 — Cf. FRANCISCO NEGRÃO, Genealogia Paranaense, Vol. 3º. 1928, p. 116.

3 — Ob. cit., pp. 86-87.

4 — Registros da Catedral de Joinville.

5 — V. Blumenau em Cadernos, Tomo XXX, n. 1, janeiro de 1989, p. 4.

gra, era irmã de Ana Joaquina de França, casada com Vicente Pires Ferreira, em segundo leito dele, filho do Tenente Vicente Pires Ferreira (6), natural de Santa Catarina e de sua segunda mulher Joaquina Ananias Dorotheia de Jesus, neto paterno de José Francisco Pires e de Quitéria Clara da Conceição, e materno do Tenente Antônio dos Santos Pinheiro, natural do Rio de Janeiro, e de Ana Gonçalves Cardoso, natural de Paranaguá. O dito José Francisco Pires era natural da Ilha Terceira, filho de Manoel Pires Ferreira e de Isabel da Ressurreição (7). Quitéria, natural da Ilha Graciosa, era filha de Antônio Correia de Miranda e de Ana dos Reis (8).

A sobredita Joaquina Ananias Dorotheia de Jesus, filha de Ana Gonçalves Cordeiro, falecida em 1809 (9), e do Tenente Antônio dos Santos Pinheiro, natural da praça de Chaves, Setúbal, em Portugal, foi casada, em primeiro leito, com o Tenente Jacinto Xavier Neves, filho de Manoel Jacinto das Neves e de Ana Maria Francisca Xavier, com quem teve o Coronel Joaquim Xavier Neves, natural de Paranaguá, casado com Felicidade de Sousa Neves (10) e que foi o pai de outra Joaquina Ananias Neves, falecida em 1884, terceira mulher de Jacinto José da Luz. Joaquina Ananias Dorotheia de Jesus era irmã do Padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro (11), Vice-Presidente da República Catarinense aos 7.8.1839.

Joaquina do Nascimento, a mulher do Tenente Antônio Sinke, era irmã de Maria Luiza do Nascimento, casada com o Capitão Vicente Ferreira de Loyola, falecido em Joinville (12), aos 7.8.1883, filho de João de Loyola e Silva e de Benedicta dos Prazeres, esta filha de Polidoro José dos Santos e de sua primeira mulher Iria Maria de Sousa. O Capitão Vicente Ferreira de Loyola teve engenho de erva-mate em São João da Graciosa. Há engano em tal

informação. Vicente Ferreira de Loyola morreu em São Francisco do Sul, aos 7.8.1883 (13), de congestão cerebral, "com idade presumível de 57 anos" (sic), casado com D. Maria Narciza dos Santos Loyola, "morador na Colônia de Joinville". Era major em 25.12.1880 (14), quando foi do batizado de sua filha Narcisa, havida com sua segunda mulher D. Maria Narciza dos Santos, viúva de João Ricardo Guimarães, filha do Coronel José Antônio dos Santos e de D. Francisca Maria da Luz Santos. Padrinhos da dita Narciza foram José Celestino de Oliveira e sua mulher D. Maria Benedita de Loyola e Oliveira. O Major Vicente e sua segunda mulher, em tal batismo, são dados como "naturais de Morretes e moradores de Joinville". Segundo o batismo do filho Leôncio, aos 8.1.1882 (15), nascido aos 21.10.1881, vê-se que seus pais, Agostinho Ferreira de Loyola e Maria Luiza de Loyola, eram moradores em Morretes, filhos, respectivamente, de João de Loyola e Silva e de D. Benedicta Maria dos Prazeres, e do Capitão Vicente Ferreira de Loyola e de D. Luiza Maria de Loyola. Padrinhos foram Argemiro Loyola e D. Maria Narciza dos Santos Loyola. Aos 31.3.1883 (16), casou Argemiro Loyola, filho do Capitão Vicente Ferreira de Loyola e da finada D. Luiza Maria de Loyola, com D. Targina Celestina de Oliveira, filha de José Celestino de Oliveira e D. Maria Benedita de Loyola, "ele morador em São Bento, no terreno disputado entre a Província de Santa Catarina e do Paraná" (sic). Targino era, portanto, irmão de Maria Luiza Ferreira de Loyola, casada com seu tio Agostinho Ferreira de Loyola, de quem foi a primeira mulher (17).

Um Coronel Maurício Sink (18), político, propagandista da República e deputado estadual pelo Paraná, foi casado com Etelvina do Nascimento, filha de Joaquim Gonçalves Cordeiro e de Maria Caetana

6 — V. O Primeiro Cirurgião de S. Francisco do Sul, in: Rev. do IHGSC, n. 7, 1986/7, 3ª. fase, p. 159.

7 — Cf. O. R. CABRAL, Raízes Seculares de Santa Catarina, 1953, p. 106.

8 — Ob. cit., p. 47, Separata do 11º. Vol. do Boletim do Inst. Hist. da Ilha Terceira.

9 — Cf. FRANCISCO NEGRÃO, Genealogia Paranaense, Vol. 4º., pp. 157 e 174.

10 — Cf. E. PAULI, Hercílio Luz, Governador Inconfundível, 1976, p. 20.

11 — Cf. W. F. PIAZZA, A Igreja em Santa Catarina, Notas para sua História, 1977, pp. 237-238.

12 — Cf. F. NEGRÃO, Genealogia cit., Vol. 3º., pp. 116-117.

13 — Livro nº. 9 de óbitos da Matriz de N. Sª. da Graça.

14 — Registros da Catedral de Joinville.

15 — Id. ib.

16 — Registros da Catedral de Joinville.

17 — Cf. F. NEGRÃO, Genealogia cit., Vol. 3º., p. 117.

18 — Ob. cit., p. 119.

Correia, primeiro marido de sua mãe, neta paterna do Capitão Bento Gonçalves Cordeiro do Nascimento e de Maria Josefa de França, e materno de Manoel Ricardo do Nascimento e de sua primeira mulher Maria Caetana de França. Joaquim Gonçalves Cordeiro era capitão e Maria Caetana era sua sobrinha (19). Esse Maurício Sink, muito provavelmente, era irmão de Antônio Sinke.

O Capitão João de Loyola e Silva era filho de Ignácio José de Loyola e de Maria Rita de Lima (20). João de Loyola e Silva e D. Benedicta Maria dos Prazeres tiveram o Capitão Vicente Ferreira de Loyola, Agostinho Ferreira de Loyola e José Ferreira de Loyola, este casado com Maria Rosa de Bittencourt, filha de Manoel Antônio de Bittencourt, natural da Ilha de Santa Catarina, e de Joaquina Antônia de Oliveira, neta paterna de João Ignácio de Bittencourt e de Joaquina Rosa da Encarnação, também naturais de Santa Catarina. Agostinho Ferreira de Loyola casou, em segundo leito, com Júlia Ferreira de Loyola, sua sobrinha e cunhada, irmã que era de Maria Luiza (21).

O Tenente-Coronel José Celestino de Oliveira era natural de Paranaguá (22), onde nasceu por volta de 1837, tendo sido deputado à Assembléia Legislativa Provincial de 1882 a 1883. Seu genro Argemiro Loyola nascera em Morretes, aos 15.2.1859 (23), frequentou a Escola Politécnica da Corte, estabeleceu-se em Oxford, nas proximidades de São Bento do Sul, era republicano convicto e faleceu prematuramente, aos 16 de fevereiro de 1888, quinze dias após um acidente circulatório na estrada de Campo Alegre, envolvendo toda a família de seu sogro.

Além da filha Targina, casada com o sobredito Argemiro Loyola, o Cel. José Celestino de Oliveira Sênior e D. Maria Benedita de Loyola tiveram mais os seguintes filhos: José Celestino de Oliveira Júnior, João Celestino de Oliveira, Víctor Celestino de Oliveira, Elvira, Cecília, Fran-

cisco Celestino de Oliveira e Brasília Celestino de Oliveira. José Celestino de Oliveira Júnior foi casado com D. Augusta Rodrigues de Oliveira, filha de Antônio José Rodrigues e de D. Maria Tinoco Rodrigues, consoante o batismo da filha Aracy, aos 2.9.1895 (24), em Joinville, tendo por padrinhos os avós paternos, representados por procuração outorgada a Víctor Celestino de Oliveira, nascida em Curitiba, em 29.11.1891. João Celestino de Freitas Valle e de D. Felisbina Maria de Oliveira foi casado com D. Calmira Freitas de Oliveira, filha de Antônio Dias de Freitas Valle e de D. Felisbina Maria de Freitas Valle, neta paterna de Manoel Dias dos Santos e de Gertrudes Dias dos Santos, e materna de Antônio Veríssimo Paim e de Maria Angélica Paim, segundo o batismo da filha Cecy, aos 2.5.1895 (25), nascida em Joinville, aos 28.4.1893. Seus sogros também residiram em Joinville, de acordo com o batismo da filha Nádia, aos 18.5.1895 (26), nascida em Itaquí (RS), aos 26.6.1889, tendo por padrinhos o Dr. Ernesto Azevedo Dias e sua mulher D. Maria de Freitas Alves. Víctor Celestino de Oliveira era natural de Morretes (PR) e tinha 23 anos aos 3.7.1897 (27), quando casou, em Joinville, com D. Rita Gomes de Oliveira, filha do Alferes João Gomes de Oliveira, comerciante no Parati e, depois, na Estrada D. Francisca, no km 17, e de D. Rosa Leocádia Machado, neta paterna do Capitão Salvador Gomes de Oliveira e de Rita Clara de Miranda, e materna de Manoel Machado Gallo Júnior e de Josefa Maria da Conceição, naturais de São Miguel, com quem teve três filhos: Aracy, Ernani e Avany (28). Elvira foi batizada em Joinville, aos 8.10.1879 (29), nascida aos 14 de fevereiro daquele ano, e faleceu aos 14.1.1886 (30), com sete anos e oito meses, "no domicílio de seus pais, Engenho de Bom Jesus"(sic). Cecília foi batizada em Joinville, em 1^o.1.1885 (31), nascida aos 15.12.1884, tendo por padrinhos Ar-

19 — Ob. cit., p. 88.

20 — Ob. cit., p. 354.

21 — Ob. cit., p. 118.

22 — Cf. W. F. PIAZZA, Dicionário Político Catarinense, p. 377.

23 — Cf. CARLOS FICKER, S. Bento do Sul, Subsídios para a sua História, 1973, p. 265.

24 — Registros da Catedral de Joinville, liv. 9, n^o. 109, fl. 67.

25 — Id. ib.

26 — Id. ib.

27 — Id. ib.

28 — Cf. F. NEGRÃO, Genealogia cit., Vol. 1^o. p. 233.

29 — Registros da Catedral de Joinville.

30 — Id. ib.

31 — Id. ib.

gemiro Loyola e sua mulher. Francisco Celestino de Oliveira, ao que supomos, é referido dentre os industriais da ervamate e literatos da região (32). Brasília Celestino de Oliveira foi casado com Maria José Nóbrega, natural de São Francisco do Sul (33), com quem teve o filho Alceu Celestino de Oliveira, casado, por seu turno, com Maura (Maurita) Bley de Lima, filha de Jovino Lima, natural de Lages, e de Leony Bley, com quem teve o filho Pedro Celestino de Oliveira, já finado, e João Facundo Celestino de Oliveira.

O Cel. José Celestino de Oliveira Sênior era filho de Pedro Celestino de Oliveira e de Francisca de Paula de Oliveira.

O Major Vicente Ferreira de Loyola e sua segunda mulher Maria Narciza de Loyola também tiveram o filho Henrique Ferreira de Loyola (34), casado com Anízia Gomes, filha do Coronel Antônio Cordeiro Gomes e de Maria das Dores Lacerda Gomes, moradores de Antonina, neta paterna do Tenente-Coronel Francisco Gonçalves Cordeiro Gomes e de Joaquina Antônia da Luz, e materna do Tenente-Coronel José Bento de Lacerda e de Lídia Josefa de Lacerda (35).

José Ferreira de Loyola, o filho de João de Loyola e Silva e de Benedicta Maria dos Prazeres, foi casado com Maria Rosa de Bittencourt, com quem teve, dentre outros, a filha Honorina de Loyola, casada, de sua vez, com Victoriano Bacellar Filho (36). Foram filhos desse casal: Zeno, Maria Rosa, Zeneide, Aroldo, Manoel, Cecília, Mocacyr e José. Victorino Bacellar Filho, não Victoriano, como foi grafado pelo insigne linhagista paranaense, era filho de Victorino Francisco de Sousa Bacellar, sexto Prefeito de Joinville e o primeiro de Mafra(SC) onde faleceu (37), em 27.8.1920. Era filho natural de Gertrudes Teresa de Jesus Bacellar, havida em soteira, antes de seu casamento com Francisco José de Sousa, fazendeiro na Península do Saí, em São Francisco do Sul, neto materno de Francisco Rodrigues Bacellar, natural da Cidade de Mariana, freguesia de N. S^a. da Conceição da Vila do Príncipe, e da francisquense Ana

do Rosário, esta filha de Antônio de Oliveira Borges e de Apolônia da Silva, morta aos 19.5.1819, já viúva (38). Francisco Rodrigues Bacellar, filho de Victorino Rodrigues e de Gertrudes de Almeida Bacellar, também naturais da Cidade de Mariana, veio para o litoral norte de Santa Catarina como demarcador de terras (39). Até 1879, teve sociedade com o luso Manoel Gonçalves de Macedo, sob a denominação de Victorino de Sousa Bacellar & Cia., quando seu sócio outorgou procuração a Manoel José do Nascimento Borges para cobrar dívidas da "extinta firma" (40). Morava na Estrada D. Francisca, ou Estrada da Serra, em Joinville, depois disso, onde foi casado com a francisquense Guilhermina Cesarina de Oliveira, morta em Joinville, aos 15.2.1888 (41), com cerca de 36 anos, de tísica pulmonar, filha do Tenente Francisco Xavier da Conceição e Oliveira e de Rita Caetana de Oliveira, em segundas núpcias dela, neta paterna de José Antônio de Oliveira Cercal Sênior, ou simplesmente José Antônio de Oliveira (Sênior), comerciante no Parati, e de Cesarina Maria de Jesus, da família Fernandes Dias, e materna de João Antônio Monteiro, natural de Lisboa, e de Caetana Maria da Silva, natural da Ilha de Santa Catarina, esta filha de José da Silva Santos, natural do Porto, e de Maria da Silva, também natural da Ilha de Santa Catarina. Rita Caetana de Jesus, sua sogra, fora casada, em primeiro leito, com o luso Manoel Dias dos Santos, natural da freguesia de N. S^a. das Necessidades da Cidade do Porto, filho de pai de igual nome e de Maria da Rocha, em primeiras núpcias dele, com quem teve a filha Maria Floresta de Carvalho, casada com Basílio Vítor de Carvalho, filho do Tenente-Coronel Bento Gordiano de Carvalho e de D. Maria Úrsula de Carvalho, consoante o batismo do neto Manoel, aos 25.9.1885 (42), tendo por padrinhos Benjamim Francisco Lopes e Emília Perpétua de Sousa Carvalho. O Tenente Francisco Xavier da Conceição e Oliveira era irmão germano, dentre outros, do Tenente-Coronel José Antônio de Oliveira Júnior, sogro do Dr. Abdou Ba-

32 — Cf. C. FICKER, S. Bento do Sul cit., p. 266.

33 — Cf. W. BLEY JR., Genealogia da Família Bley, 1987, p. 117.

34 — Cf. F. NEGRAO, Genealogia cit., pp. 108 e 109, Vol. 3^o.

35 — Ob. cit., p. 104.

36 — Ob. cit., pp. 354 e 356.

37 — Cf. ELLY HERKENHOFF, Joinville — Nossos Prefeitos, 1984, p. 31.

38 — 2^o. livro de óbitos da Matriz de N. S^a. da Graça do Rio de S. Francisco.

39 — Arquivo Histórico de Joinville, maço das sesmarias.

40 — Arquivo judiciário francisquense.

41 — 2^o. livro de óbitos da Catedral de Joinville.

42 — Livro n^o. 18 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça.

tista e pai de Alfredo Emílio Nóbrega de Oliveira e de Olímpio Nóbrega de Oliveira. Consoante se vê no batismo do filho Basílio Augusto, aos 23.10.1881, nascido aos 13 de março daquele ano (43), tendo por padrinhos o Tenente-Coronel José Celestino de Oliveira e sua mulher D. Maria Benedicta de Loyola de Oliveira, Victorino de Sousa Bacellar, era comerciante na Estrada D. Francisca. Não sabemos se passou a segundo leito. Sua filha Julieta Bacellar, batizada aos 19.2.1883, nascida aos 4 de dezembro de 1882 (44), tendo por padrinhos Antônio Maria Barroso Pereira e sua mulher Filomena Cândida da Silva Barroso, foi casada com Amantino Bley (45), filho João Bley e de Maria Grein, neto paterno de Nicolau Bley. Julieta teve quatro filhos: Lucy, Guilhermina, Oswaldo e Percival Bley. Lucy Bacellar Bley, nascida em Joinville, em 1º.10.1915, foi casada com João Batista Gomes de Figueiredo, natural do Rio de Janeiro, com quem teve, dentre outros, dois filhos afogados na Barra Velha (46). Zeno Bacellar nasceu em Rio Negro (PR), aos 8.1.1913 (47), e foi casado com Dinorá Ricardo dos Santos, filha de Antônio Ricardo dos Santos e de Otilia Grein, com quem teve Yeda Maria Santos Bacellar e José Carlos Bacellar.

Outro comerciante de Joinville, talvez ligado ao ciclo da erva-mate, como supomos, foi o Major Norberto José de Miranda, filho do Sargento-Mor Cândido José de Miranda (48) e de Ana Rosa de Miranda, casado com Maria dos Anjos Correia, filha do Capitão Domingos Correia de Freitas, natural de São Francisco, e de Josefa Leite Bastos, neta paterna do Alferes Manoel Correia de Freitas e de Ana Leite de Magalhães e Oliveira, e materna do Capitão Antônio José Leite Bastos, natural da Vila de Bastos, em Portugal, assassinado por escravos em Parana-

guá, e de Emília Maria do Rosário, esta filha do Capitão Antônio da Silva Braga, luso, e de Maria Pinheiro dos Santos; com quem teve, dentre outros filhos, o Padre Lamartine Correia de Miranda vigário da Lapa. Norberto José de Miranda, major, natural de Guaratuba, "de profissão negociante", casado ainda com Maria dos Anjos Correia Miranda, faleceu em Joinville, de tísica pulmonar, com cerca de 48 anos, aos 11.4.1884 (49). Em Joinville também morreu sua escrava Bernardina, aos 16.12.1885 (50), solteira, de cerca de 22 anos, natural de Guaratuba, "no domicílio de sua ama D. Maria dos Anjos, viúva do finado Major Norberto José de Miranda", de hemorragia pulmonar. Em Joinville, outrossim, faleceu, aos 27.11.1883 (51), sua filha Felisbina, natural de Guaratuba, com cerca de cinco anos de idade, de paralisia pulmonar. O digno genealogista paranaense (52) anota que Maria dos Anjos Correia era irmã germana de Amália Correia de Freitas, casada com José Antônio de Oliveira, sem outras indicações de quem fosse este último. Parece-nos S. E. O., que se tratava de Amália Correia de Freitas, filha do Alferes João Correia de Freitas e de sua mulher Senhorinha Serafina das Dores, casada, aos 5.9.1859 (53), com o Tenente-Coronel José Antônio de Oliveira, filho de José Antônio de Oliveira Cercal Sênior, comerciante do Parati, e de D. Cesarina Maria de Jesus, neto paterno de Antônio de Oliveira Cercal e de Ana Maria de Miranda, esta filha do Capitão Amaro de Miranda Coutinho e de Margarida Tavares Camargo de Siqueira (54). Dito Alferes João Correia de Freitas era filho de Alexandre Correia de Freitas e de Luiza Maria de Jesus (55), esta filha de Agostinho Machado Lima e de sua segunda mulher. João Correia de Freitas, alferes aos 22.12.1866 (56) e tenente aos 17.1.1873 (57), tinha 36 anos em 1870

43 — Registros da Catedral de Joinville.

44 — Id. ib.

45 — Cf. W. BLEY JR., Genealogia cit., p. 85.

46 — Id. ib.

47 — Ob. cit., p. 33.

48 — Cf. F. NEGRÃO, Genealogia cit., Vol. 3º., p. 374.

49 — 2º. livro de óbitos da Catedral de Joinville.

50 — Id. ib.

51 — Id. ib.

52 — Cf. F. NEGRÃO, Genealogia cit., Vol. 3º., pp. 373-375.

53 — Livro nº. 7 de casamentos da Matriz de N. S^a. da Graça.

54 — V. livros nº. 5 de batismos e 1º. de óbitos da Matriz cit.

55 — Cf. F. NEGRÃO, Genealogia cit., Vol. 1º., p. 304.

56 — Arq. Púb. do Est. de Santa Catarina, Liv. de Reg. de Patentes.

57 — Id. ib., fls. 24 verso e 83 verso.

(58), quando era o eleitor n. 176 do 7.º quartelão, casado e lavrador, tendo falecido aos 20 de fevereiro de 1886 (58), de nefrite intestinal, com cerca de 54 anos, casado, já em segundo leito, com Ana Maria de Santa Ana. Sua primeira mulher, D. Senhorinha Serafina das Dores, morreu aos 2.2.1886 (59) de erisipela na cabeça, com cerca de 61 anos, moradora no lugar Monte de Trigo, era filha do Alferes Joaquim Firmiano de Oliveira, juiz de órfãos e justiças em 1840, guia de Saint-Hilaire em sua passagem pelo litoral catarinense, e de Francisca Rosa de Oliveira, neta paterna do Sargento-Mor José de Oliveira Borges e de Francisca Clara de São Bernardo, "natural da Vila de São João d'El-Rey do Rio das Mortes", e materna do Alferes Manoel Leite de Magalhães, natural da freguesia de S. Martinho, Arcebispo de Braga, sesmeiro "no Rio denominado Monte de Trigo" (60), e de Florência Gomes de Oliveira, esta, francisqueuse embora, filha de José Dámaso Gomes, natural de Vila de Cascais, em Portugal, e de Maria Lemes de Oliveira, natural do Rio de São Francisco do Sul, a filha do Capitão Manoel Gomes Galhardo e de sua segunda mulher Leonor Lemes de Cerqueira (61). Domingos Correia de Freitas foi inventariante, em 1856 (62), dos bens de uma Maria Correia da Graça. João Correia de Freitas, aos 4.7.1886 (63), quando tinha 52 anos e já era viúvo de Senhorinha Serafina das Dores, passou a segundo leito com Ana Maria de Santa Ana, de 34 anos, viúva também de João José Machado. Manoel Correia de Freitas, o mais exacerbado pregador da República em Santa Catarina (64), filho de Domingos Correia de Freitas e Josefa Leite de Bastos, parece ser, se não nos enganamos, o filho Manoel, batizado em São Francisco do Sul, aos 4.3.1852 (65), com nove meses, tendo por padrinhos José Caetano Correia e sua

mulher Maria Correia da Graça. Em 1805 (66), um Capitão Domingos Correia obteve sesmaria no Rio de Bucarein. Aos 26.1.1813 (67), um Capitão Domingos Correia era casado com Antônia Maria do Sacramento, morta naquela data, com cerca de 53 anos de idade. Um Capitão Domingos Correia foi casado com Margarida Rosa de Miranda, com quem teve as filhas Ana Correia de Miranda, primeira mulher do Tenente Manoel de Miranda Coutinho, e Maria Correia de Miranda, primeiramente casada com José da Silva Paulo, "morador novo neste Rio", e depois, em segundo leito, com Salvador Antônio Alves Maia, inventariante dos bens dela em 1870 (68). Um Sargento-Mor Domingos Correia, natural de Santarém, vereador 3.º em 1781 (69), foi casado com a francisqueuse Margarida de Oliveira, com quem teve a filha Ana Maria de Oliveira, casada com João Mathias de Carvalho (70), juiz de órfãos em 1781, já em S. Francisco do Sul, antepassado dos Carvalhos Buenos francisquenses.

O Tenente João Correia de Freitas e sua primeira mulher Senhorinha Serafina das Dores tiveram, dentre os filhos, a sobrevivente única Idalina Correia de Freitas, casada, aos 27.6.1889 (71), com Ludgero Severiano de Sousa, de 27 anos, filho de Manoel Leal de Sousa e de Geraldina Leopoldina do Amor Divino, "com dispensa do impedimento de consangüinidade em 2.º grau igual a linha transversal", neto paterno de José Joaquim de Sousa e de Antônia Teresa de Jesus, e materno do Alferes Joaquim Firmiano de Oliveira (v. supra) e de Francisca Rosa de Oliveira, com quem teve os filhos Miguel, Albano, João e Maria, moradores no lugar Continente, em companhia da mãe, quando foi do inventário dos bens de Manoel Leal de Sousa, em 1902 (72).

O Capitão Alexandre Correia de Freitas foi o primeiro marido de Luiza Ma-

58 — Livro n.º. 10 de óbitos da Matriz de N. S.ª. da Graça.

59 — Id. ib.

60 — Arquivo Histórico de Joinville, maço de sesmarias.

61 — V. livros 1.º. de óbitos e n.º. 5 de batismos da Matriz cit.

62 — Autos extraviados, relação de inventários francisquenses.

63 — Livro n.º. 9 de casamentos da Matriz de N. S.ª. da Graça cit.

64 — Cf. C. DA COSTA PEREIRA, A Propaganda Republicana em Santa Catarina. in: Blumenau em Cadernos, Tomo VI, n.º. 2, p. 23.

65 — Livro n.º. 11 de batismos da Matriz de N. S.ª. da Graça cit.

66 — Arquivo Histórico de Joinville.

67 — 2.º. livro de óbitos da Matriz de N. S.ª. da Graça.

68 — Arquivo judiciário francisqueuse.

69 — Documento da Biblioteca Nacional.

70 — Cf. F. NEGRÃO, Genealogia cit., Vol. 4.º, p. 216.

71 — Livro n.º. 9 de casamentos da Matriz de N. S.ª. da Graça, fl. 64.

72 — Arquivo judiciário francisqueuse.

ria de Jesus, natural de Paranaguá, onde morreu aos 14.3.1857 (73), casada com Joaquim Antônio Alves Cordeiro, de quem não teve descendência. Luiza Maria de Jesus era filha de Agostinho Machado Lima e de sua segunda mulher Maria Cardozo Pazes, neta paterna de Manoel Machado de Lima e de Úrsula da Cunha Pinto, natural de Mogi das Cruzes, qual o filho, e materna de Trifônio Cardoso Pazes de Leão e de sua primeira mulher Rita Ribeiro de Magalhães. Agostinho Machado Lima, natural de Mogi das Cruzes, fora casado, em primeiro matrimônio, com Maria de Sousa Lima, com quem teve os filhos: Manoel Machado, casado em São Francisco do Sul, Jerônimo Machado, Maria Machado Tavares, casada com Manoel Tavares de Miranda, e Ana Maria, casada com Ignácio Tavares de Miranda. Nos assentos eclesiásticos franciscuenses, essa primeira mulher de Agostinho Machado Lima foi chamada Maria Ribeiro da Silva, com quem teve o filho Manoel Machado Lima, natural de Paranaguá, casado com a franciscuense Antônia Clara da Silva, filha do Sargento-Mor José de Miranda Coutinho e de sua primeira mulher Ana Fernandes da Silva, neta paterna do Capitão Miguel de Miranda Coutinho (74) e de Isabel da Silva Carvalho, natural de "São José da Curitiba", e materna do Sargento de Auxílios José Fernandes Dias e de Isabel Pereira da Silva, natural de Paranaguá. Em 1807 (75), esse Manoel Machado Lima obteve sesmaria "no lugar chamado Olaria até a costeira do Frias". E, desse consórcio referido, teve três filhos sobreviventes, afora um que morreu em pequeno: Manoel Machado Lima Júnior (ou Neto), Maria da Silva Reis, casada com o luso Manoel Gomes Rittes, e o Alferes Agostinho de Sousa Lima. Esse Alferes Agostinho de Sousa Lima, morador na Península do Saí, teve moinhos com rodas d'água (76). Não sabemos, porém, se esses moinhos beneficiavam as congonghas, que vinham de serra acima desde antes de 1799, pelo Caminho

das Três Barras, passando pelo Distrito de Gibraltar, onde, no referido ano, Manoel Francisco Leite foi nomeado juiz pedâneo para fiscalizar e arrecadar o tributo sobre as ditas congonghas (77). Manoel Machado Lima Júnior, morador no Bocuhy, foi casado com Ana Maria de Oliveira, com quem teve os filhos: Manoel Machado Lima Neto, Antônio Machado Lima, José Machado Lima e Maria Machado da Conceição. Maria da Silva Reis teve, com Manoel Gomes Rittes, natural da freguesia de Santa Maria da Cidade do Porto, filho de João Gomes da Silva e de Engrácia Maria Rita, os filhos: Ana Maria Rittes, casada com José Gonçalves de Moraes, Luiza Maria dos Anjos, casada com Antônio José de Sousa Lima, e Antônio Gomes Rittes. O Alferes Agostinho de Sousa Lima foi casado com D. Escolástica Joaquina de Moraes, filha do Capitão de Milícias Francisco Leite de Moraes Júnior (78), juiz ordinário em 1781 (79) juiz de órfãos trienal em 1809 (80), natural de S. Martinho de Lordello, Porto, e de Maria Peregrina de Assunção, neta paterna de Francisco Leite de Moraes e de Felipa Rosa, e materna do Tenente Antônio dos Santos Pinheiro (v. supra) e de Ana Gonçalves Cordeiro. O Capitão Francisco Leite de Moraes Júnior faleceu aos 9.2.1817 (81), em S. Francisco do Sul, com 66 anos "pouco mais ou menos". O Alferes Agostinho de Sousa Lima teve os seguintes filhos: Francisco Machado Lima, Antônio Machado Lima, Ana Joaquina de Moraes, Maria Teresa de Jesus, Baldoína Angélica de Lima, Joaquina Escolástica de Moraes, Maria Escolástica do Nascimento, Fortunata Liberata de Jesus, João Miguel Machado e Luiza Joaquina de Moraes. Deixou importante descendência em São Francisco do Sul e na região.

Lauro Carneiro de Loyola (82), bancário, comerciante e industrial, natural de Paranaguá, onde nasceu aos 14.1.1907, foi casado com D. Regina Douat, com quem teve descendência. Era filho do Dr. José Guilherme de Loyola e de Maria Augusta Carneiro de Loyola (83), neto paterno do Cel. Joaquim Antônio de Loyola

73 — Cf. F. NEGRÃO, Genealogia cit., Vol. 1º., p. 304.

74 — Ob. cit., Vol. 4º., p. 203.

75 — Arquivo Público de Joinville.

76 — Arquivo judiciário franciscuense.

77 — Cf. C. DA COSTA PEREIRA, Hist. cit., pp. 104-105.

78 — Cf. F. NEGRÃO, Genealogia cit., Vol. 4º., p. 171.

79 — Documento da Biblioteca Nacional.

80 — Arquivo judiciário franciscuense.

81 — 2º. livro de óbitos da Matriz de N. Sa. da Graça.

82 — Cf. W. F. PIAZZA, Dicionário Político Catarinense, p. 309.

83 — Cf. F. NEGRÃO, Genealogia cit., Vol. 3º., p. 221.

la e de Guilhermina dos Santos, e mater- no do Cel. David Antônio da Silva Carneiro e de Olímpia da Costa. O sobredito Cel. Joaquim Antônio de Loyola era filho do Capitão João de Loyola e Silva e de Benedicta dos Prazeres Loyola.

José Celestino de Oliveira Sênior e Maria Benedicta de Loyola tiveram a filha Targina Loyola de Oliveira, casada com Argemiro Ferreira de Loyola, sem geração (v. supra); José Celestino de Oliveira Júnior, casado com Augusta Rodrigues de Oliveira, filha de Antônio José Rodrigues e de Maria da Glória Tinoco, com descendência; Capitão João Celestino de Oliveira, falecido em 1924, casado com Celmira Freitas de Oliveira (v. supra), com descendência; Major Brasília Celestino de Oliveira, casado com Maria José de Oliveira, filha de José Antônio de Oliveira e de Emília Nóbrega de Oliveira, com descendência; Maria Francisca Celestino de Oliveira, solteira; Capitão Victor Celestino de Oliveira, casado com Rita Gomes de Oliveira (v. supra), filha de João Gomes de Oliveira; Carmem Celestino de Oliveira, casada com o Desembargador Dr. Augusto Leonardo Salgado Guarita, com descendência.

O Tenente-Coronel José Antônio de Oliveira Júnior, já viúvo de Amália Correia de Freitas (v. supra), casou, aos 22.6.1861, em segundas núpcias (84), com Emília Julieta Nóbrega, filha do Capitão Antônio Francisco Nóbrega, natural de Santos, e de Teresa Maria de Jesus, esta filha do Capitão-Mor Antônio de Carvalho Bueno e de sua primeira mulher D. Bárbara Jacinta Leite de Moraes, neta paterna de João Mathias de Carvalho (v. supra), e de Ana Maria de Oliveira, e materna do Capitão Francisco Leite de Moraes Júnior (v. supra) e de Maria Peregrina Gonçalves Cordeiro, com quem teve os seguintes filhos: José Antônio de Oliveira Neto, casado com Laura Görrensen, filha de Markus Görrensen, natural da Noruega, e de Carolina Schneider, natural da Alemanha; Teresa, casada com o Dr. Abdon Batista; Olímpio Nóbrega de Oliveira, casado com Maria Virgínia de Oliveira, filha do Tenente-Coronel Alexandre Ernesto

de Oliveira e de Maria Virgínia Nóbrega; Alfredo Emílio de Oliveira Nóbrega, casado com D. Alexina de Sousa Lobo, filha de Pedro José de Sousa Lobo e de sua primeira mulher Adelaide Flora Caldeira de Andrade; Cesarina Adelina de Oliveira, casada com João Gomes de Oliveira Júnior; a sobredita Maria José de Oliveira, casada com o Major Brasília Celestino de Oliveira (v. supra); e outros.

Em 1885 (85), o Tenente Antônio Sinke vendeu seu engenho para Ernesto Canac, francês que veio de Buenos Aires em 1878. Surgiram as empresas exportadoras de Irmãos Ribeiro, Oliveira, Freitas Vale, Jordan, Lepper, Schlemm etc. (86). Esses Irmãos Ribeiro seriam o Francisco José Ribeiro, vereador de Joinville em 1898 (87), e Antônio José Ribeiro, 14^o. Prefeito de Joinville (88), ambos filhos de Antônio José Ribeiro Sênior e de Aureliana Gonçalves Ribeiro, netos paternos de Miguel Antônio Alves e de Joana Maria de Jesus, e maternos do Tenente-Coronel Comandante do 8^o. Batalhão Imperial Bento Gonçalves de Moraes Cordeiro, juiz ordinário, de órfãos e de paz em 1830, e de Ana Maria de Andrade, esta filha do Capitão Manoel Ferreira de Sousa e de Maria Francisca de Andrade. O Cel. Bento Gonçalves de Moraes Cordeiro era filho do Capitão Francisco Leite de Moraes Júnior (v. supra). Antônio José Ribeiro casou, aos 26.11.1881, com Guilhermina Frederica Bettback, protestante luterana, filha de João Frederico Guilherme Fettback e de D. Frederica Kersten, e Francisco José Ribeiro, casou com D. Clemência Gomes de Oliveira (89), filha do Alferes João Gomes de Oliveira. Outro mano deles, Casimiro José Ribeiro, casou, provavelmente em Morretes (PR), com Adelaide Saraiva Ribeiro, filha de Espirião Saraiva da Fonseca e de Maria de Vasconcellos Saraiva, com quem teve o filho Breno, nascido em Morretes, aos 22.10.1894 (90), batizado em S. Francisco, aos 9.2.1895.

Ernesto Canac teve, com Martinha de Brittes, também solteira, moradora na Estrada do Sul, filha de José de Brittes Rodrigues de Ascensão e de Laureana Maria Cidral, os filhos Regina Maria e

84 — Livro n^o. 7 de casamentos da Matriz de N. S^a. da Graça.

85 — Cf. C. FICKER, A Erva-Mate e a Industrialização de Joinville, in: Blumenau em Cadernos, Tomo VI, n^o. 2, p. 40.

86 — Id. ib.

87 — Cf. C. FICKER, Hist. de Joinville, p. 358.

88 — Cf. ELLY HERKENHOFF, Joinville — Nossos Prefeitos cit., p. 53.

89 — Cf. A. TERNES, Hist. Econômica de Joinville, p. 82.

90 — Livro n^o. 19 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça.

Ernesto (91), que transferiram domicílio para outras cidades. Faleceu em Curitiba, aos 17.10.1920 (92), com a idade de 74 anos, para onde transferira sua residência desde 1907.

Maria Gonçalves Morais, filha do Tenente-Coronel Bento Gonçalves de Morais Cordeiro (v. supra) e de Ana Maria de Andrade, foi casada com o luso Manoel Soares Gomes, morador na Ilha de Santa Catarina até 1867 (93), com quem teve o filho único Theóphilo Soares Gomes (94), tenente-coronel (95), nascido na Vila de Antonina (?), aos 16.2.1857, casado duas vezes, a primeira com D. Maria Rosa Cumplido Soares e a segunda com D. Maria Rosa de Araújo Soares, filha do Dr. Henrique Alves de Araújo. Do primeiro leito, teve cinco filhos, sobrevivendo apenas o Engenheiro Heitor Soares Gomes, prefeito de Antonina em 1920. Foi também prefeito, chefe político, grande proprietário, industrial, Inspetor Geral de Rendas etc. Aos 11.1.1894 (96), quando foi da Revolução Federalista no Paraná, elementos da Guarda Nacional de Paranaçuá, chefiados por Teófilo Soares Gomes, tentaram tomar o porto, levante que foi debelado pela quarnição local. Estava à frente dos "federalistas brancos", juntamente com Narcizo França.

O Cel. Bento Gonçalves de Morais Cordeiro era parente de Joaquim Gonçalves da Luiz, juiz de órfãos de S. Francisco do Sul, por volta de 1830 (97), casado com sua prima-irmã Córdula Maria das Dores (98). A. KUBACH (99), no entanto, dá Joaquim Gonçalves da Luz como filho legítimo do Tenente José Gonçalves de Moraes, casado em Antonina, em 8.3.1808, com Córdula Maria Pinheiro. Joaquim Gonçalves da Luz e Córdula Maria das Dores tiveram os seguintes filhos: Maria Rita de Morais, primeira mulher de Francisco Machado Pereira, sem geração;

Esther Joaquina Gonçalves Cordeiro de Araújo, segunda mulher de Francisco Machado Pereira e, depois, em segundo leito, casada com José André da Rocha Coutinho Júnior; José Gonçalves de Morais Neto e Gaspar Gonçalves de Araújo Sênior.

O Capitão Francisco Machado Pereira era filho do Capitão João Machado Pereira, natural de São Miguel da Terra Firme da Ilha de Santa Catarina, e de Ana Maurícia da Trindade, natural de S. Francisco do Sul, neto paterno de Manoel Machado Gallo Sênior, natural da Ilha Terceira, Cidade de Angra, e de Ana Maria do Espírito Santo, natural da Ilha do Faial, e materno de Francisco de Oliveira Camacho Sênior e de Isabel Maurícia de Jesus. Era, pois, sobrinho do Tenente-Coronel Francisco de Oliveira Camacho Júnior, a mais representativa figura francisqueuse do século passado. E, do segundo leito, teve dois filhos: Maria Rita da Conceição, casada com José Maria Cardoso Sênior, filho de Francisco José Cardoso e de Maria Joaquina Moreira, e Francisco Machado da Luz, ligado ao empreendimento da erva-mate em Joinville (100) e líder do Partido Conservador. Alferes da 1ª. Companhia do 5º. Batalhão Imperial (101), aos 22.7.1870, tenente aos 25.11.1872 e capitão aos 25.1.1873, já da 6ª. Companhia, Francisco Machado da Luz (1841-1913), foi casado, em primeiras núpcias, com Maria Bárbara de Jesus, morta aos 3.4.1869, de febre intermitente, com cerca de 20 anos, na freguesia do Senhor Bom Jesus do Parati (102), filha do Tenente Joaquim José Tavares e de Bárbara Maria da Graça, moradores no Rio do Miranda, neta paterna do Sargento-Mor Luiz Tavares de Miranda e de Dionísia Maria de Miranda, e materna do Capitão Salvador Gomes de Oliveira e de Rita Clara de Miranda, com quem teve o fi-

91 — Cf. R. S. THIAGO, *Coronelismo Urbano em Joinville, O Caso de Abdon Batista*, Florianópolis, 1988, p. 37.

92 — Cf. E. HERKENHOFF, *Joinville cit.*, p. 44.

93 — Arquivo judiciário francisqueuse.

94 — Cf. F. NEGRÃO, *Genealogia cit.*, Vol. 3º., pp. 72 e 82, e 5º., p. 249.

95 — Cf. B. N. dos SANTOS FILHO, *Aspectos da Hist. do Teatro na Cultura Paranaense*, Curitiba, 1979, p. 207.

96 — Cf. NOEL NASCIMENTO, *A Revolução Brasileira e Lutas Sociais no Paraná*, 1983, pp. 36 e 38.

97 — Registros eclesiásticos francisqueuses, liv. nº. 8 de batismos.

98 — Cf. F. NEGRÃO, *Genealogia cit.*, Vol. 3º., p. 138.

99 — apud. A. MACHADO DA LUZ, in: *Uma Luz no Passado*, 1971, p. 54.

100 — Cf. RAQUEL S. THIAGO, *Coronelismo Urbano cit.*, p. 53.

101 — Arq. Púb. do Est. de Santa Catarina, Liv. de Reg. de Patentes,

102 — Livro nº. 8 de óbitos da Matriz de N. Sª. da Graça.

lho único Dr. Reinaldo Pedro Machado (103), casado com Maria Isabel Virmond (104), viúva de David Gaspar de Oliveira Lima, filha de Eduardo Alberto Virmond e de Lourença Francisca de Assis Pinto Ribeiro. Em segundo leito, Francisco Machado da Luz, foi casado com D. Januária (Januca) Carolina Gomes Tovar, filha

do Major Chrispim Gomes de Oliveira e de D. Carolina Rosa Tovar e Albuquerque (105), neta paterna do Capitão Salvador Gomes de Oliveira e materna do Presidente da Província Tovar e Albuquerque.

Eis algumas notas biográficas necessárias para a compreensão dos ervateiros de Joinville.

103 — Cf. F. NEGRÃO, ob. cit., Vol. 2º., p. 67, Vol. 4º., pp. 146 e 421.

104 — V. Famílias Brasileiras de Origem Germânica, 1962, Vol. III.

105 — V. Blumenau em Cadernos, Tomo XXIX, nº. 10, pp. 289 e ss.

A política na polêmica jornalística do começo do século

BLUMENAUER ZEITUNG Nº. 3 — Sábado, 18 de janeiro de 1902 — Ano 21.

Notícias Locais.

O "Urwaldsbote" lembra em seu último número, várias expressões de sua autoria e também escritos por outros. Em grande parte são tão parentes do "esterco liquifeito" como o "fon" de um bobo da côrte. Nós reagimos a isto por extenso, pois conhecemos o ditado: "Quem mexe no esterco se suja".

Queremos nos deter em dois pontos. Uma nota sob o título "Ponte Municipal" diz: "O Blumenauer Zeitung" não vai perder tempo para enaltecer o superintendente por ocasião da inauguração da ponte: "Todo este barulho feito em homenagem ao superintendente é um grande mal. Se a gente ouve tudo isto Korybanto fica-se melancólico".

E o que agora estava escrito em nossa notícia para enaltecer o superintendente? Nem uma palavra. O redator do "Urwaldsbote" realmente sofre de Cunhafobia. Esta personalidade representa para ele a mesma coisa que o "homem preto" significa para crianças pequenas. Os leitores do "Urwaldsbote" já notaram, como nos disseram os sócios do "Volkverein". E quando este jornal escreve alguma coisa, que tem qualquer ligação com este senhor, todos logo sabem que é de todo mentira ou muito exagerado.

No artigo do jornal há convencimento e auto-orgulho. "No Ano Novo" encontramos a seguinte frase: "Na eleição de presidente, os votos do Volkspartei, pesam pouco na balança. Na eleição de governador podem ser decisivos. Vejam só! Há alguns meses, o mesmo jornal escreveu que o Volkspartei está numa situação feliz de ser o fator decisivo na eleição de governador. Naquele tempo portanto, o negócio era bem seguro. Agora é um pouco duvidoso. Nós profetizamos que quando a eleição tiver passado, o "Bote" escreverá melancolicamente, que na eleição, o Volkspartei poderia ter sido decisivo. Veremos! Mas alguém vai endoidar de vez.

Por hoje, nós vamos nos despedir do caro colega de observância confusa, mas sempre estamos às suas ordens.

BLUMENAUER ZEITUNG, 25-07-1902.

O "Urwaldsbote" começou o Ano Novo com um de seus momentos gloriosos. A raiva chegou até a raiz dos cabelos! O redator deu a seus artigos editoriais, que são uma pérola, um novo estilo. Em vez de assinar E. F. assina com A. W. A generosidade de tratamento e a superioridade de caráter, deixam transparecer o senhor Fouquet. Que mal tem, se amanhã um outro a seu mando se reconhece como autor? Enquanto este senhor nos critica por expormos às vezes em nosso jornal, opiniões

diferentes, apesar de que num jornal onde vários colaboram, isto seja compreensível. Ele confessa que em seu jornal tudo e todos devem seguir a sua opinião e seu sentimento. Tivemos em mãos várias vezes provas, de que injúrias e ofensas, que formam a coroa do "Urwaldsbote" são inspiradas ou escritas pelo senhor Fouquet ou pelo menos retocadas e enfeitadas por ele. Provavelmente vez ou outra deve chegar a se convencer de que a gritaria toda assinada com E. F. não tem mais o mesmo efeito sobre as pessoas. Este cartão de visita perdeu o seu efeito, e outros meios devem ser encontrados para que os artigos pareçam ser escritos por diversas pessoas, enquanto só alguns da mesma opinião sem o perceber lhe prestam serviço.

Apesar das alucinações que o "Urwaldsbote" apresenta semanalmente, nunca pudemos imaginar que estas assumiriam proporções como aconteceu com o artigo do ano novo.

Será que o redator acreditava, no que supôs com suas palavras? Para nós interessava sua simpatia, ou que nós nos colocássemos à sua disposição quando em combinação com amigos políticos como adversários, expressássemos o desejo de acabar com esta disputa de imprensa?

Errou! O ilustre redator e o senhor secretário do Volksverein, só podem servir a nossa causa se não lhes atrapalharmos no trabalho. Longe de nós impor aos senhores outra opinião. Também não se trata de pesquisar quem está certo, o que é bom e o que é ruim! Com tais provas de honestidade generosidade e independência, que nos são apresentadas toda semana, não queremos nem podemos cooperar. Nada nos poderia prejudicar junto aos nossos amigos do que um elogio do "Urwaldsbote". O colega pode continuar tranquilo o seu caminho, não o encomodaremos e não perderemos de vista o objetivo por nós visado.

Se expressamos o desejo de paz, agimos a pedido de um proprietário do "Urwaldsbote" que nos enviou um intermediário pedindo que terminássemos a luta. Ele por sua vez procuraria influenciar o "Urwaldsbote" para que também acabasse com a polêmica. Agimos de acordo com os desejos de um outro proprietário do "Urwaldsbote", em cuja casa se encontra a impressora do jornal. Este disse a um de nossos amigos, que discordava desta disputa na imprensa. Portanto, não foi por medo dos óculos do senhor Fouquet ou dos conhecimentos jurídicos do senhor Anton Schröder que fizemos a proposta de paz. O "Urwaldsbote" pode seguir tranquilo o seu caminho, não o impediremos. Mas gostaríamos de saber se é a convicção ou a força das circunstâncias que lhe deram esta posição.

Para o redator, a luta é uma necessidade, se fosse estabelecida a paz ele não teria nada para esvaziar a sua raiva, e onde tirar a matéria, para viver; ele que em 10 anos passou por todas as transformações possíveis! Os que o conhecem há mais tempo, que o digam. Por isto não é difícil descobrir quem tirará vantagem da luta. Quem tem interesse em continuá-la, sempre apresenta as afirmações e calúnias já ditas dezenas de vezes e a cada momento proclama a própria força, como se ainda existissem muitos que acreditassem em tais afirmações.

A derrota em Joinville, lhe deu nova matéria para desconfiança. Mas porque toda esta gritaria se somente 3 joinvilenses, compensam 1 blumenauense. Aqui se tem 2.500 sócios cuja contribuição basta para pagar ao secretário 100\$000 mensais? A convicção da vitória do redator, deixa transparecer um estranho medo, e aí nós nos lembramos da história.

Uma raposa faminta, viu sobre o cercado um galo gordo que lhe daria um bom jentar. "Bom dia, amigo galo", disse a raposa. Foi-se o tempo em que os bichos ainda falavam! Não queremos afirmar de que hoje ainda o podem — "Bom dia, respondeu o galo. — Sabes algo de novo? O rei dos animais, decretou uma lei, que tenho comigo, na qual consta que é proibido aos animais, devorar-se uns aos outros". — Isto é bonito, disse o galo, que não saiu do seu lugar. — Desça e leia a ordem, para que te convenças". — Neste momento apareceu um cachorro enorme e mal a raposa o viu, também já empreendeu a fuga. Quando o galo viu o que ocorria gritou: Mostre a lei, compadre raposa, mostre ao cachorro a lei". Mas a raposa não quis saber de nada e continuou sua fuga. A raposa tinha tanta confiança em sua história, como o redator do "Urwaldsbote" tem na sua força política. É verdade, se ele está muito convicto da vitória, via das dúvidas é bom tomar as medidas de precaução.

ÍNDICE GERAL

Áçaguçu / Antônio Roberto Nascimento	334
Aconteceu / Jan. a Dez. 1993	36, 104, 127, 178, 210, 236, 304, 335, 368
Os Antepassados dos Baumgarten / Horst Baumgarten	42
A antiga empresa gráfica Nietzsche & Hoempke / José Gonçalves	376
Ao redor do Dr. Blumenau (VIII) / Theobaldo Costa Jamundá	17
Ao redor do Dr. Blumenau (IX) / Theobaldo Costa Jamundá	50
Ao redor do Dr. Blumenau (X) / Theobaldo Costa Jamundá	87
Ao redor do Dr. Blumenau (XI) / Theobaldo Costa Jamundá	110
Ao redor do Dr. Blumenau (XII) / Theobaldo Costa Jamundá	153
Ao redor do Dr. Blumenau (XIII) / Theobaldo Costa Jamundá	187
Autores Catarinenses / Enéas Athanázio 10, 55, 83, 113, 157, 195, 224, 256, 289, 317, 378	
A beata Joana de Gusmão / Antônio Roberto Nascimento	35
Blumenau recebe doação	06
Cartas / Ivone de Souza Wagner	223
Contistas "Alemães" Catarinenses (2) / Walburga Hübner	124
Curiosidades de uma época — XXVI — XXVII — XXVIII / S. C. Wahle 283, 321, 346	
A degola de Procópio José de Bayer / Edison D'Ávila	272
Educação no começo do século / Prof. Richard Hoffmann	338
Enchente / Erna Deeke Hosang	262
Ensino Público e Particular em Blumenau / W. J. Wandall 44, 74, 115, 168, 197, 214	
Ensino Público e Particular em Blumenau / W. J. Wandall	246, 285, 331
Os ervateiros de Joinville / Antônio Roberto Nascimento	381
Eventos Promovidos pelo Departamento de Cultura da Fundação "Casa Dr. Blumenau"	120
Falando de tempos passados / Grete Medeiros	310
Falecimento de Heinz Schrader	229
Família Wehmuth / Nelson V. Pamplona	21, 59, 91, 128, 171, 200, 237
Figura do passado	102
Figura do passado / Antonio Francisco Bohn	217
Figura do passado / Cláudio Heckert	340
Figura do passado / Guilherme Jensen	02
Figura do presente	356
Figura do presente / Pe. Antonio Francisco Bohn	278
Figura do presente / José Gonçalves	71, 209
Genealogia da Família Schmidt ou Schmitt / Pedro Ernesto da Silva	296, 327, 371
Os Gonçalves de Leão em Santa Catarina / Antônio Roberto Nascimento	250
Hermelino Jorge de Linhares / Antônio Roberto Nascimento	163
História da Imigração da Família Tönjes ao Brasil / Werner Henrique Tönjes	146
Os imigrantes alemães e sua produção literária / Valburga Hübner	362
A imprensa jovem e dinâmica da nossa região	258
Indaial de Indaí que importância tem? / Theobaldo Costa Jamundá	342
Mudanças na administração da Fundação / José Gonçalves	34
A música em São Joaquim / Maria Nercolini	329
A nossa biblioteca reabriu com melhorias	79
O passado em prosa e verso / A Redação	342
Política Blumenauense	57
Questões econômicas no começo do século / Trad. Edith Sophia Eimer	352
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar / Pe. Antônio Francisco Bohn	33, 151
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (VIII) Pe. Antônio Francisco Bohn	48
Reg. de Tombo da Paróquia de Gaspar (IX) / Pe. Antônio F. Bohn 85, 123, 186, 228, 268	
Registro de Tombo de Porto Belo (I) / Pe. Antônio Francisco Bohn	315, 367
Reminiscências / José Gonçalves	106
Reminiscências de Ascurra / Atilio Zonta 09, 53, 80, 118, 159, 191, 231, 259, 299, 322, 350	
Reminiscências em Cartas	126
Romancistas "Alemães" catarinenses (3-4)	221, 294
Santa Catarina, um estado interessante	293
São Joaquim, no resgate de suas tradições / Maria Nercolini	08
A língua Tupi-Guarani em cidades catarinenses / Carlos Ubiratan Jatamy	380
Subsídios históricos / Trad. e Coord. Rosa Herkenhoff 07, 49, 77, 122, 156, 208, 235	
Subsídios históricos / Trad. e Coord. Rosa Herkenhoff	271, 288, 316, 361
Toponímia Barriga-Verde / Theobaldo Costa Jamundá	230, 249, 307, 319
Um luso-brasileiro em Blumenau / Ruy Moreira da Costa	11, 182
O valor do artífice no começo do século / Trad. Edith Sophia Eimer	325

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89015-010 BLUMENAU

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação.

CONSELHO DELIBERATIVO :

Marlo Germer; Maria Beatriz Niemeyer; Friederich Wilhelm
Heinrich Idecker; Ellen Jone Weege Vollmer; Altair Carlos Pimpão;
João Carlos von Hohendorff; Edgar Paulo Mueller; Gladys Suely
Dorigatti Werner; Ruth Winkler Paul; Marcos Henrique Buechler;
Ernesto Deschamps.

DIRETORIA :

Presidente : Elke Hering
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves

HERING

T Ê X T I L

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.
Para todo mundo. Em todos os tempos.